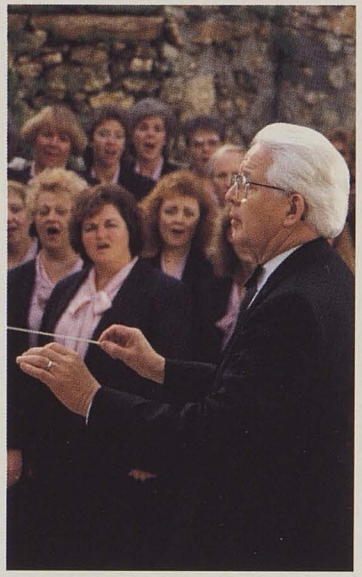
A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • OUTUBRO DE 1993

A LIAHONA

OUTUBRO DE 1993



Na capa:
Em Israel, uma terra de vozes conflitantes, a música do Coro do Tabernáculo soou como uma só voz, ajudando a espalhar mensagem de paz. O regente Jerold D. Ottley regeu o coro no Jardim do Sepulcro. Vide "A Uma Só Voz", página 10. Fotografia da capa de David Gaunt e Scott Knudsen.

Capa da *Seção Infantil*:
Tempo de Descobrir,
de Anne Marie Oborn

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: "É VERDADEIRO, NÃO É?" PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY 2

A UMA SÓ VOZ LARENE GAUNT 10

A IGREJA NA ÍNDIA, PAQUISTÃO, BANGLADESH E SRI LANKA 22

DAVID O. MCKAY: O VALOR DE UMA ALMA
LEON R. HARTSHORN 26

CASA DE REVELAÇÃO 34

O LIVRO RESGATADO CRISTINA ANTONIO 42

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

ESPERAR QUE AS COISAS ACONTEÇAM?
PIERRE ANTHIAN 8

EU ESPERAVA MILAGRES TARA PEARSON 33

AME A SI MESMO! GEORGE I. CANNON 46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: DEVEMOS USAR NOSSOS TALENTOS 25

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: AARÃO ENSINA O PAI DE LAMÔNI 2

DE UM AMIGO PARA OUTRO: ÉLDER MARION D. HANKS 4

HINO: O SENHOR DEU-ME UM TEMPLO
DONNELL HUNTER E DARWIN WOLFORD 6

A ESCOLHA DA EQUIPE MARK SHAFFER 7

TEMPO DE COMPARTILHAR: O SENHOR DEU-ME UM TEMPLO JUDY EDWARDS 10

AS FLORES DE JANE DEBORAH HOPKINSON 12

SÓ PARA DIVERTIR 16

OUTUBRO de 1993, Vol. 17, nº 10
93990 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze: Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores: Rex D. Pinegar, John H. Groberg, V. Dallas Merrell, Robert E. Wells
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: MaryAnnMartindale
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler, Jane Ann Kemp, Denise Kirby
Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
(Reg. 8966-35-02 - RJ)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas,
Caixa Postal 26023
05599-970 – São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **CR$ 840,00**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior US$ 10,00.
Preço de exemplar em nossa agência: **CR$ 70,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 por A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês, tcheco, húngaro e russo.
Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP.
Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300 - São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.

The *A Liahona* (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

MUITO INSPIRADOR

Embora não seja um santo dos últimos dias, adoro ler o *Tambuli* (inglês) todos os meses. Encontro artigos muito inspiradores e com freqüência sinto-me emocionada a ponto de chorar de alegria.

Sou grata por viver no meio de membros da Igreja que compartilham a revista comigo. Aguardo ansiosa cada nova edição da revista.

Agnes C. Guisadio
Calinog, Ilailo
Filipinas

FERRAMENTA MISSIONÁRIA

Sou missionário na Missão Atlanta Geórgia no momento, e temos muita utilidade para a revista *Liahona* (espanhol). Ela traz conselhos dos líderes, regularmente, e ajuda-nos a manter contato com membros da Igreja em todo o mundo.

Batizamos uma família recentemente, cujo primeiro contato com a Igreja foi por meio da *Liahona*. Um membro da Igreja deixou uma revista no salão de beleza onde trabalhava. Uma cliente leu um artigo na revista, e isto gerou perguntas a respeito da Igreja, visitas dos missionários, convites para participar em atividades da Igreja e finalmente batismo.

Devemos seguir o exemplo dessa irmã e deixar a revista onde ela fique à disposição de não-membros. É uma forma simples de realizar a obra missionária e uma grande oportunidade de compartilhar o evangelho de Jesus Cristo.

Élder Alfredo Gutiérrez
Missão Atlanta Georgia

CONSOLADORA

A *Liahona* (espanhol) é semelhante ao Espírito Santo para mim. Tem-me consolado com seus artigos, comentários e histórias. Como um converso relativamente recente—fui batizado em 1991—aprendi a compreender melhor as escrituras pelos artigos que são nela publicados.

Bartolome A. Pérez Brito
Ramo Galdar (Ilhas Canárias)
Missão Espanha Las Palmas

UMA GUARDIÃ

L'Etoile (francês) é minha guardiã. Quando não me sinto segura sobre o que fazer, ou quando percebo que fiz algo tolo, encontro a resposta às minhas dúvidas na revista. Acredito que o bispo não ficaria tão sobrecarregado todas as semanas se os membros da Igreja procurassem antes a resposta a seus problemas por meio da oração, do estudo das escrituras e da leitura da revista da Igreja.

Por exemplo, ao ler a Mensagem da Primeira Presidência, posso ter minha própria entrevista com os líderes e ter seus conselhos para me orientar. Quando leio sobre os santos dos últimos dias em todo o mundo, percebo que somos unificados como uma família internacional.

Sugiro que usemos os artigos da revista como base para instrução em aulas, discursos, noites familiares, e vida diária.

Stephanie Piette
Ramo de Toul
Estaca Nancy França

NOTA DO EDITOR

Somos imensamente gratos a nossos leitores e os convidamos a nos enviarem cartas, artigos e histórias. A língua não é barreira. Incluam nome completo, endereço, ala ou ramo, e estaca ou distrito. Nosso endereço é International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, USA.

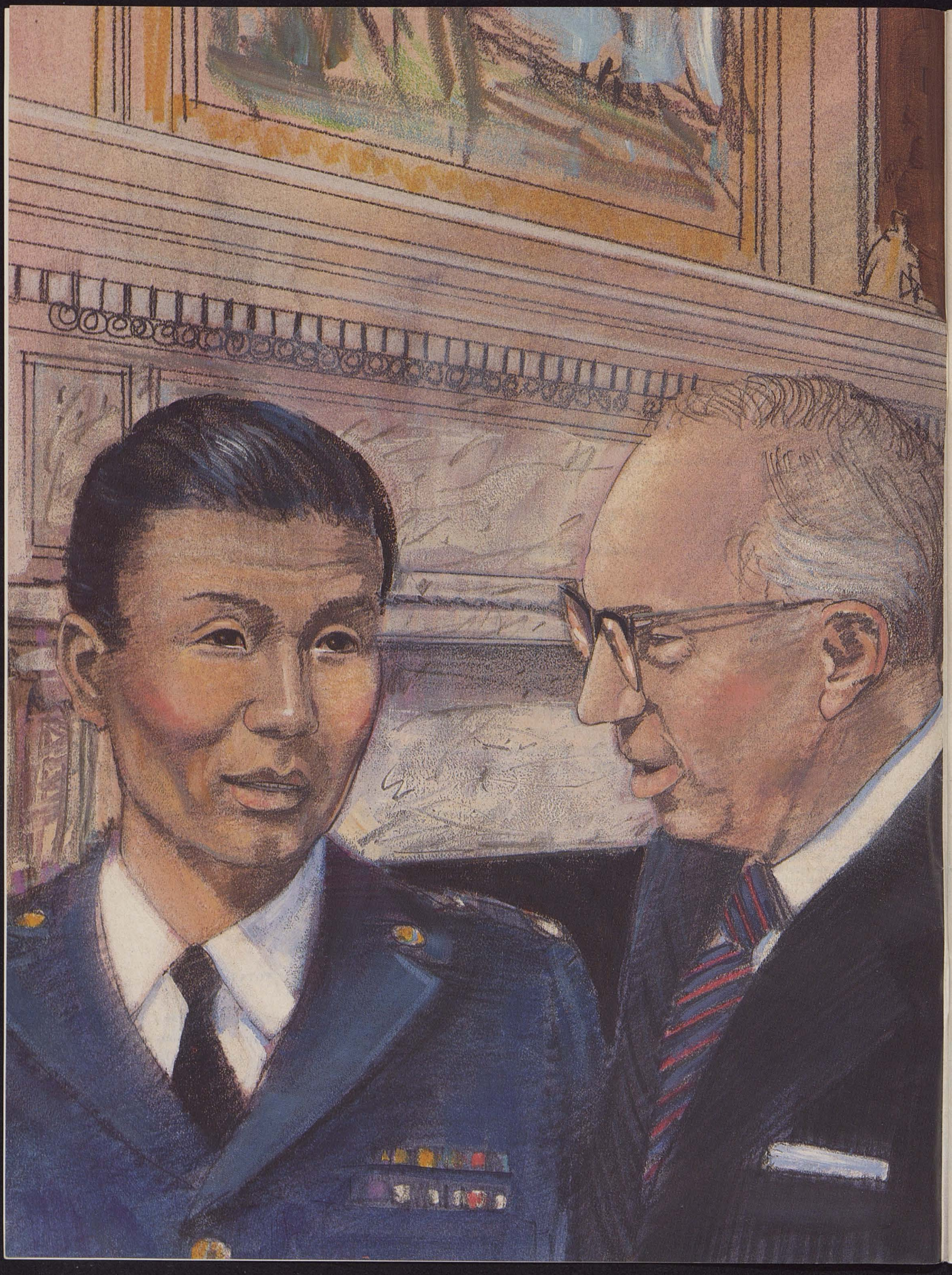


ILUSTRAÇÃO DE LARRY WINBORG

"É Verdadeiro, Não É?"

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Tenho tido a oportunidade de conhecer muitos homens e mulheres maravilhosos em vários lugares do mundo. Alguns deles me impressionaram profundamente. Compartilharei convosco uma história que relatei há alguns anos. Conheci um oficial da marinha de uma nação distante, um jovem brilhante que fora trazido aos Estados Unidos para treinamento avançado. A maneira de ser de alguns de seus colegas na Marinha dos Estados Unidos o havia impressionado, e a pedido seu compartilharam com ele suas crenças religiosas. Ele não era cristão, mas estava interessado. Falaram-lhe a respeito do Salvador do mundo, Jesus Cristo, nascido em Belém, que deu a vida pela humanidade. Contaram-lhe da visita de Deus, o Pai Eterno, e do Senhor ressurreto ao menino Joseph Smith. Falaram-lhe dos profetas modernos. Ensinaram-lhe o evangelho do Mestre. O Espírito tocou-lhe o coração, e ele foi batizado.

"Está disposto a pagar um preço tão alto pelo evangelho?"—indaguei. Os olhos escuros, marejados de lágrimas, brilharam-lhe no belo rosto moreno ao responder: "É verdadeiro, não é?"

Ele foi-me apresentado pouco antes de retornar à sua terra natal. Nós

ILUSTRAÇÃO DE LARRY WINBORG

conversamos sobre estas coisas, e então eu disse: "Seu povo não é cristão. O que acontecerá quando voltar para casa como cristão, especialmente um cristão mórmon?".

Entristeceu-se-lhe o semblante e ele respondeu: "Minha família ficará desapontada. Eles poderão rejeitar-me e considerar-me morto. Quanto ao meu futuro e a minha carreira, todas as portas poderão estar fechadas".

—"Está disposto a pagar um preço tão alto pelo evangelho?"—indaguei.

Os olhos escuros, marejados de lágrimas, brilharam-lhe no belo rosto moreno ao responder: "É verdadeiro, não é?"

Envergonhado por ter feito a pergunta, eu respondi, "Sim, é verdadeiro".

A isto ele replicou: "Então, o que mais importa?"

Gostaria de deixar convosco as mesmas perguntas: "É verdadeiro? Então o que mais importa?"

As estatísticas sobre o crescimento da Igreja são impressivas e gratificantes. Elas me fazem lembrar de uma recente transmissão radiofônica, em que o Chefe do Conselho Nacional de Igrejas foi entrevistado e falou sobre o declínio do número de membros de alguns dos maiores e mais conhecidos grupos religiosos, bem como sobre o crescimento acelerado de outros. Como razão deste declínio ele afirmou: "Porque se tornaram permissivos; permitem que qualquer um se torne membro ou permaneça como membro. Não fazem nenhuma exigência rigorosa, seja quanto a fé ou a contribuições". Mencionou, também, que os grupos que requerem sacrifício de tempo, esforços, e recursos estão vivenciando um crescimento vigoroso.

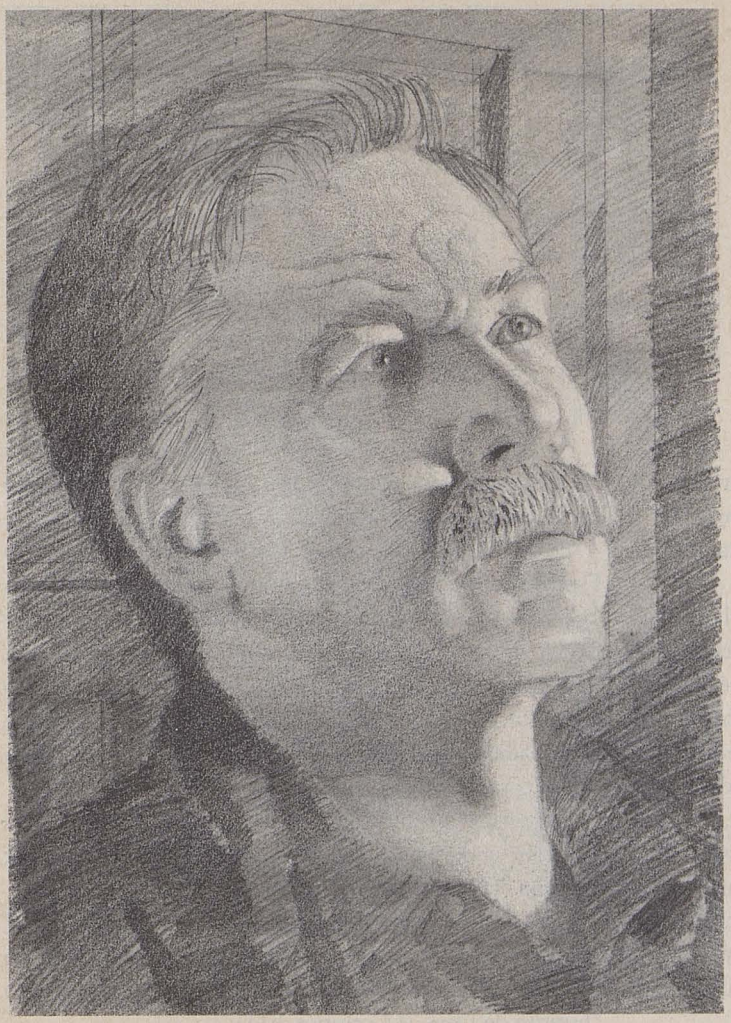
Ele prosseguiu dizendo: "A Igreja com o crescimento mais rápido, com mais de um milhão de membros no país, é a Igreja Mórmon, os santos dos últimos dias, com sede na Cidade do Lago Salgado, que está crescendo 5% ao ano, (e) isto é um crescimento muito rápido". Este é um comentário surpreendente, um comentário que deveria interessar a todos os homens ou mulheres conscientes. Uma de suas afirmações é que a religião que requer dedicação, que pede sacrifício, que exige disciplina, também recebe a lealdade de seus membros e o interesse e respeito dos outros.

Assim tem sido sempre. O Senhor não foi ambíguo quando disse a Nicodemos: " . . . aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus"(João 3:5). Não havia exceções. Não havia permissividade na obediência ao mandamento. O mesmo se dava com relação aos outros assuntos dos quais falou.

Paulo nunca usou de subterfúgios nem se esquivou quando expôs os requisitos do evangelho de Jesus Cristo. O mesmo acontece hoje. O próprio Senhor declarou que " . . . estreita é a porta e apertado é o caminho" (Mateus 7:14). Qualquer sistema que se ocupe das conseqüências eternas do comportamento humano deve estabelecer diretrizes e ater-se a elas; nenhum sistema que não espere de homens e mulheres certo padrão de disciplina e particularmente de autodisciplina, pode exigir deles lealdade por muito tempo. Talvez seja alto o preço, em matéria de conforto. O sacrifício pode ser real. Essa exigente realidade, porém, é a substância do caráter, da força, e da nobreza. Permissividade nunca produziu grandeza. Integridade, lealdade e vigor são virtudes cujos sustentáculos se desenvolvem através das batalhas travadas em nosso íntimo, à medida que praticamos autodisciplina sob as demandas da verdade divinamente revelada.

Existe, porém um outro lado da moeda, sem o qual esta autodisciplina seria pouco mais do que um exercício. A disciplina imposta apenas pela disciplina em si, é repressiva. Não faz parte do espírito do evangelho de Jesus Cristo. Geralmente é imposta pelo medo, e seus resultados são negativos.

Aquilo, porém, que é positivo, que é fruto da convicção pessoal, edifica, inspira e fortalece. Em



Caminhou pelas ruas, ressentido com o desejo que a esposa tinha de batizar-se, e o espírito de oração de alguma forma tomou conta de seu coração. Suplicou a Deus uma resposta às suas dúvidas.

questões religiosas, quando uma pessoa é motivada por uma grande e poderosa convicção da verdade, ela própria se disciplina, não por causa das exigências feitas pela Igreja, mas por causa do conhecimento, que traz no coração, de que Deus vive; de que ela é filha de Deus, com potencial eterno e sem limites; de que há felicidade em servir e satisfação em trabalhar por uma grande causa.

O notável progresso desta Igreja não é tanto o resultado do que a Igreja exige de seus membros, mas é o resultado da convicção íntima dos membros de que este é o trabalho de Deus, e que a felicidade, a paz e a satisfação são encontradas no serviço digno.

A força da Igreja não está em seus milhares de casas de adoração espalhadas por todo o mundo, nem em suas universidades, seminários e institutos. Esses são apenas prédios, úteis como meios de se alcançar um fim, mas apenas fatores de apoio ao que é sua verdadeira força. A força desta Igreja reside nos corações de seu povo, no testemunho e na certeza que cada um tem da veracidade desta obra. Quando uma pessoa tem esse testemunho, as exigências da Igreja tornam-se desafios ao invés de fardos. O Senhor declarou, " . . . meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mateus 11:30).

O jugo das responsabilidades e da liderança na Igreja transforma-se em oportunidades e não é problema para aqueles que vestem o manto da dedicação, como membros da Igreja de Jesus Cristo.

Certa vez ouvi a experiência de um engenheiro recentemente filiado à Igreja. Os missionários foram à casa dele e a esposa convidou-os a entrar. Ela respondeu prontamente à mensagem, enquanto que ele se julgou pressionado contra sua vontade. Uma noite ela mencionou que desejava ser batizada. Ele ficou furioso. Ela não sabia o que aquilo significava? Significava tempo. Significava pagar o dízimo. Significava perder os amigos. Significava parar de fumar. Ele vestiu o casaco e, batendo a porta, saiu noite afora. Caminhou pelas ruas, ressentido com a esposa, ressentido com os missionários, ressentido consigo mesmo por ter-se permitido ser ensinado por eles. Ao sentir-se cansado, sua zanga esfriou, e o espírito de oração de alguma forma tomou conta de seu coração. Ele orou enquanto andava. Suplicou a Deus uma resposta às suas dúvidas. E então teve uma sensação, clara e inequívoca, como se uma voz lhe dissesse "É verdade".

"É verdade", ele disse a si mesmo, repetidas vezes. "É verdade". Uma paz encheu-lhe o coração. Ao caminhar

em direção à casa, as restrições, as exigências, os requisitos que o deixaram tão zangado começaram a parecer oportunidades. Quando ele abriu a porta de casa, encontrou a esposa ajoelhada em oração!

Depois, diante da congregação a quem relatou sua experiência, falou da felicidade que encontraram. O dízimo não era problema. Compartilhar o que tinham com Deus, que lhes dera tudo, pareceu-lhe muito pouco. Tempo para servir não era problema. Iria requerer apenas um planejamento cuidadoso das horas da semana. Responsabilidade não era problema. De tudo isto surgiu crescimento e uma nova perspectiva de vida. E então, esse homem, intelectual e bem treinado, esse engenheiro acostumado a administrar as coisas do mundo físico em que vivemos, prestou testemunho solene, com olhos marejados de lágrimas, do milagre que lhe havia acontecido.

O mesmo acontece com centenas de milhares de pessoas em muitas terras—homens e mulheres capazes e preparados, homens de negócio e profissionais decididos, homens práticos que trabalham com as coisas do mundo, em cujos corações arde um testemunho silencioso de que Deus vive, de que Jesus é o Cristo, de que esta obra é divina, tendo sido restaurada na terra para abençoar a vida de todos os que desejarem dela participar.

Disse o Senhor: "Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo" (Apocalipse 3:20).

Jesus falando aos judeus no templo disse: " . . . minha doutrina não é minha, mas sim daquele que me enviou.

Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus , ou se eu falo de mim mesmo." (João 7:16-17)

Esta é a maravilha desta obra—que todo homem pode saber por si mesmo. Ele não depende do mestre, nem do pregador, nem do missionário, que apenas instruem e prestam testemunho. Como Jó declarou há muito tempo: "Na verdade, há um espírito no homem, e a inspiração do Todo-Poderoso os faz entendidos "(Jó 32:8).

Cada um pode saber que isto é verdade por meio do Espírito Santo, e com uma segurança tão grande quanto a que temos de que o sol nascerá amanhã. E sabendo que isto é verdade, ele se sentirá inclinado a disciplinar-se, como convém àquele que tem conhecimento do significado e do propósito da vida, de sua grande responsabilidade para com o próximo, para com a família e para com Deus.

"Aprende de mim", diz o Senhor, "e ouve minhas palavras; anda na mansidão do meu Espírito e terás paz em mim."(D&C 19:23.)

Esta é a paz que "excede todo o entendimento" (Filipenses 4:7), porque não vem da mente, mas do Espírito, e "as coisas de Deus" são compreendidas pelo "Espírito de Deus"(I Coríntios 2:11).

Há alguns anos, uma jovem brilhante e de excelente formação acadêmica falou em uma conferência para os militares membros da Igreja em Berchtesgaden, na Alemanha. Eu estava lá e ouvi suas palavras. Ela era major do exército, médica, uma especialista muito considerada em sua área. Ela disse:

"Eu queria servir a Deus mais do que qualquer outra coisa, mas por mais que tentasse não o encontrava. O milagre de tudo isso é que ele me encontrou. Num sábado à tarde, em setembro de 1969, eu estava em casa, em Berkeley, Califórnia, e ouvi a campainha da porta tocar. Lá estavam dois rapazes, vestidos de terno, camisa branca e gravata. Seus cabelos estavam bem penteados. Eu fiquei tão impressionada com estes rapazes que disse: "Não sei o que estão vendendo, mas eu compro". Um deles respondeu: "Não vendemos nada. Somos missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, e gostaríamos de lhe falar". Convidei-os a entrar, e eles falaram sobre sua fé.

"Este foi o início de meu testemunho. Sou grata,

Apesar de ser muito respeitada por seu trabalho como médica no exército, ela queria acima de tudo servir ao Senhor. "Mas não o encontrava", afirmou. "O milagre de tudo isso é que ele me encontrou."

muito além do que poderia expressar em palavras, pelo privilégio e pela honra de ser membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A alegria e a paz que este evangelho me trouxe ao coração são o céu na terra. Meu testemunho desta obra é a coisa mais preciosa em minha vida, uma dádiva de meu Pai Celestial, pela qual serei eternamente grata."

Este conhecimento nos vem hoje, como vinha no passado. Veio a meu amigo, oficial da marinha. Veio ao engenheiro cujas palavras citei. Veio à médica cujo testemunho repeti. Há milhares que poderiam falar de modo semelhante. E se existe alguém em busca do testemunho do Espírito Santo a respeito destas coisas, presto-vos testemunho de que ele pode ser alcançado. Acontecerá como aconteceu a Pedro:

"E, chegando Jesus às partes de Cesáreia de Filipo, interrogou os seus discípulos . . . : Quem dizem os homens ser o Filho do homem?"E Simão Pedro, respondendo, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. "E Jesus respondendo, disse-lhe: Bem aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela;" (Mateus 16:13, 15–18).

Esta rocha de revelação é a fonte do conhecimento com relação às coisas de Deus. É o testemunho do Santo Espírito que testifica da verdade eterna, e as portas do inferno não prevalecerão contra qualquer homem ou mulher que o buscar, que o aceitar, que o cultivar e que viver de acordo com ele.

Ofereço meu testemunho solene destas coisas sagradas e invoco as bênçãos deste conhecimento sobre todos os que buscam sinceramente a verdade. □

AUXÍLIOS PARA DEBATE

1. Com relação aos requisitos do evangelho, o Senhor declarou que "estreita é a porta, e apertado o caminho" (vide Mateus 7:14).

2. As pessoas voluntariamente se disciplinam, de modo a seguir os requisitos do evangelho, quando têm convicção pessoal da verdade—quando sentem no coração que Deus vive, que elas são filhas de Deus, com potencial eterno e ilimitado, e que existe felicidade na obediência.

3. O requisito de autodisciplina, contido no evangelho, desenvolve caráter, força e nobreza, e traz paz e oportunidades de crescimento.

ESPERAR QUE AS COISAS ACONTEÇAM?

Pierre Anthian

Quando o presidente da missão anunciou minha transferência, pensei que me estava punindo. Tendo nascido na França, estava cumprindo missão em meu país e na Suíça. Agora, meu companheiro e eu fôramos designados líderes de zona em Avignon—uma cidade onde não se realizavam batismos de conversos havia muitos meses.

Passamos a primeira noite lá, discutindo nossa situação e tentando encontrar motivação e força. Uma solução seria simplesmente esperar as coisas acontecerem. Quando, porém, pensamos em quão breve era nossa missão, soubemos que iríamos odiar desperdiçar preciosos meses.

Lembramo-nos da escritura em Mateus 19:26: "A Deus tudo é possível". E se estivéssemos nessa cidade e região por uma razão? E se as pessoas da cidade não fossem tão sem esperança como fomos forçados a acreditar? E se o problema fosse somente a atitude dos missionários para com elas? E se o Senhor preparasse uma recompensa tão grande quanto nossa fé, nosso esforço e nosso desejo?

Decidimos não prestar atenção ao que nos haviam dito a respeito de Avignon. Em nossas orações, pedimos ao Senhor que nos guiasse a uma alma escolhida—uma que fôssemos capazes de preparar para batizar no mês seguinte. E prometemos ao Senhor que trabalharíamos com toda nossa força.

Dois dias mais tarde, conhecemos Haroun e começamos a ensiná-lo— e o batizamos exatamente um mês após nos termos comprometido com o

Senhor. Haroun indicou-nos seus vizinhos que viviam no andar superior, a família Langer, e começamos a ensiná-los. Eles também aceitaram o evangelho e foram batizados. É maravilhoso ver o milagre da conversão nas pessoas que amamos.

Como o prédio de apartamentos onde viviam Haroun e a família Langer tinha somente dois andares, com um apartamento em cada andar, percebemos que o edifício todo se havia convertido à Igreja! Ali, havíamos alcançado pleno sucesso!

Após quatro meses de trabalho, sacrifícios, milagres e bênçãos, o pequeno ramo de Avignon tinha praticamente duplicado. Os missionários de nosso distrito prepararam quinze pessoas para se filiarem à Igreja. Agora todos os missionários queriam trabalhar naquela cidade. Sua reputação havia sido restaurada. Todas as más idéias a seu respeito tinham sido mudadas.

Um ano depois da missão, fui ao templo da Suíça e tive a surpresa e alegria de encontrar o casal Langer e seus três filhos. Testemunhei quando se ajoelharam diante do altar e foram selados como família. Irmão Eric Langer é agora sumo sacerdote—e presidente do ramo de Avignon.

Agradeci ao Senhor por sua generosidade para comigo. E agradeci por ter iluminado a mim e a meu companheiro naquela noite em Avignon, quando decidimos trabalhar com toda nossa força. Qual teria sido o resultado se tivéssemos simplesmente esperado as coisas acontecerem? □

ILUSTRAÇÃO DE DOUG FAKKE

FOTOGRAFIA DE DAVID E LARENE GAUNT

A UMA SÓ VOZ

Em Israel, uma terra de vozes conflitantes, a música do Coro do Tabernáculo soou como uma só voz, ajudando a espalhar mensagem de paz.

LaRene Gaunt

Os raios do sol se infiltram por entre as nuvens acima do Campo dos Pastores, próximo a Belém. O balido das ovelhas e o tilintar do sino de um bode preenchem o ar das manhãs, enquanto beduínos modernos guiam seu rebanho pelo monte rochoso. O campo em declive, muito semelhante hoje ao que era antigamente, quando anjos apareceram aos pastores na noite em que Cristo nasceu, transforma-se em vale com montes escarpados de ambos os lados. Os montes, terraplenados com calcário, revestem-se de um brilho momentâneo na luz intermitente do sol. Belém, o lugar do nascimento do Salvador, repousa no alto do monte à direita—refletindo um branco resplandecente, que atravessa até a bruma suave da manhã.

Cantando na encosta da montanha onde Jesus proferiu o Sermão da Montanha, os integrantes do Coro do Tabernáculo (*à esquerda*) refletem as palavras dele: "Exultai e alegrai-vos" (Mateus 5:12).
***Acima*: No Campo dos Pastores.**

Gradualmente, os vales e montes que circundam o Campo dos Pastores são envolvidos pelos acordes de "O Senhor Meu Pastor É", cantado pelo Coro do Tabernáculo. "O Senhor meu Pastor é, não me faltará! Em verdes pastagens descanso me dá". Após as derradeiras palavras do hino: "Por todas as bênçãos que hoje me dás!" se elevarem fortes e claras pelo ar, o coro pára de cantar. Para surpresa de todos, o som continua como se fosse um eco prolongado, que se espalha pelo vale e ricocheteia de monte em monte. A música do Coro do Tabernáculo preenche a terra, e esta, por sua vez, reluta em deixá-la ir.

Entre 26 de dezembro de 1992 e 6 de janeiro de 1993, o Coro do Tabernáculo envolveu com música a Terra Santa—dando concertos em Jerusalém, Tel Aviv e Haifa. E os ecos prosseguiram enquanto os concertos eram transmitidos ao vivo pelo rádio e pela televisão israelita. A reação da audiência e as críticas favoráveis da mídia confirmaram que as pessoas relutavam em deixar que a música terminasse.

UNIFICADOS PELA MÚSICA

A obra de destaque da viagem do Coro do Tabernáculo a Israel foi a apresentação da Missa de Réquiem, opus 5, de Berlioz, com a Orquestra Sinfônica de Jerusalém, durante a série Litúrgica 92 de concertos. Esta série de concertos, realizada entre dezembro e janeiro todos os anos, destaca apresentações de obras significativas cristãs para orquestra e corais.

Durante toda a excursão do Coro do Tabernáculo, as reações da platéia foram a melhor indicação de seu sucesso. Israel é um país com muitos músicos, porém, é do conhecimento geral que as platéias sofisticadas e cultas da nação costumam sair imediatamente após um concerto. Depois do Réquiem de Berlioz, a audiência reagiu ao poder e à energia desta grande música com aplausos em uníssono—com um pedido de bis—por mais de cinco minutos.

Teddy Kollek, prefeito de longa data de Jerusalém, disse que os concertos do Coro do Tabernáculo representam a "construção de pontes" e que a música era "uma forma importante de edificar a paz e a fraternidade".

As reações mais dramáticas das platéias, contudo, ocorriam nos concertos *a capela* (N.T. — sem acompanhamento de instrumentos musicais), quando o coral apresentava um repertório misto de suas canções mais cantadas, indo de Rachmaninoff ao canto religioso afro-americano. Estes concertos se iniciavam com a platéia de pé, enquanto o coro cantava "*Hatikvah*", o hino nacional israelense. A música continuava a atrair espectadores durante toda a primeira metade do concerto, causando reações emocionadas nas pessoas, especialmente quando o coro cantava uma combinação de "*By the Waters of Babylon*" (N. do T. — "Junto aos Rios de Babilônia"), seguido de "Vinde, ó Santos".

Durante a segunda metade destes concertos, alguns espectadores começavam a chegar mais para a frente em seus lugares. Quando o coro cantava "*Now Shout!*" ("Agora Clamem em Alta Voz"), com as palavras "Batam Palmas", parte da platéia começava a bater palmas acompanhando a música. Sorrisos acanhados transformavam-se em sorrisos abertos. Os aplausos ficavam mais altos ao término de cada peça. Quando chegava o número final, "*Cindy*", com seu ritmo sincopado, as pessoas batiam os pés no chão, as palmas das mãos nas pernas, ou moviam a cabeça ao compasso da música. Os organistas e o percussionista acrescentavam sons de cavalos trotando, de sinos soando e de um tamborim, enquanto o coro batia palmas e

O Coro do Tabernáculo, o tenor Robert Breault e a Orquestra Sinfônica de Jerusalém, todos sob a regência de David Shallon, apresentaram o Réquiem de Berlioz em Jerusalém (*extrema esquerda*) e em Tel Aviv (*à esquerda*). Escrita pelo compositor francês Hector Berlioz em 1837, o Réquiem é uma descrição musicada do momento da morte, do dia do Julgamento, da redenção e da Ressurreição.

cantava: "*Get along home, little Cindy; I'll marry you someday*" ("Vá sossegada para casa, pequena Cindy; eu me casarei com você, algum dia".) Continuavam a sorrir enquanto aplaudiam, alguns com os braços erguidos, e por fim batiam palmas novamente em uníssono.

Então o coral começava a bisar. Quando os primeiros acordes da inesquecível "*Jerusalem of Gold*" ("Jerusalém de Ouro") ecoavam na sala de concertos, a platéia ficava boquiaberta e aplaudia quando o solista começava a cantar em hebraico. Era claro o envolvimento emocional da platéia com a canção. Uma mulher colocou a mão sobre a boca em êxtase. Um homem de rosto sombrio tirou os óculos e chorou abertamente. Enquanto a música prosseguia, muitos dos presentes murmuravam a letra com o coro e outros limpavam as lágrimas que lhes corriam pela face.

Ao término da canção, o regente do coro, Jerold Ottley, dirigiu a atenção dos presentes para a compositora de "*Jerusalem of Gold*", Naomi Shemer, que esteve presente ao concerto de Jerusalém e também ao de Tel Aviv. Quando ela se levantou, a platéia ficou de pé e aplaudiu-a entusiasticamente. Era uma reação à música que lhes conquistara o coração durante a Guerra dos Seis Dias, em 1967. Baseada na lenda de um xeque (N. do T. — chefe árabe), que deu à esposa uma miniatura, em ouro, da cidade de Jerusalém, a canção venceu um concurso de música em 1967. Sendo constantemente levada ao ar e aos corações das pessoas durante a guerra, a canção transformou-se em algo que uniu os soldados israelenses e o povo ao entrarem novamente nas áreas anteriormente proibidas da cidade até então dividida.

O aplauso em uníssono reiniciava, e o coro passava a cantar "Já Refulge a Glória Eterna". Próximo ao final do hino, as luzes se acendiam e a platéia batia palmas acompanhando o ritmo, até que os aplausos encobriam o final da música e todos ficavam em pé.

Quando o coro começava a bisar sua música final tradicional, "Deus Vos Guarde", as pessoas continuavam em pé e muitos enxugavam as lágrimas dos olhos.

"A música ultrapassa todas as barreiras", disse Robert Cundick, atuando como anfitrião no Centro Jerusalém, em uma entrevista publicada no jornal *Jerusalem Post*. "A música é o alicerce de uma experiência gigantesca com a terra de Israel."

Isto provou ser verdade em todos os concertos do Coro do Tabernáculo. Em cada concerto, em um momento de perfeita harmonia, o público *era* transformado em algo mais elevado do que haviam sido como pessoas. A música do coro entrelaçava seus sons às emoções e recordações de cada ouvinte, unindo-os em um grande todo. E, por esse breve momento, o público ficava unido em paz, sustentado pela linguagem mundial da música.

COMENTÁRIOS APÓS OS CONCERTOS

Os aplausos cessavam e as luzes acendiam-se, permitindo que pouco a pouco o público saísse. Ao descerem dos balcões ou entrarem no saguão principal, alguns irradiavam uma alegria silenciosa. Outros se reuniam em grupos e conversavam animadamente, parecendo falar ao mesmo tempo.

- "Não há palavras, nunca haverá palavras. Foi a experiência mais extraordinária de minha vida."
- "Sentia que não respirava ar. Sentia que respirava música."
- "Acabei de passar duas horas no céu. Todo nosso *kibbutz* alugou um ônibus e compareceu. Não poderíamos deixar que o Coro do Tabernáculo passasse por aqui sem ouvi-lo."
- "O coro canta com o amor de Deus."

• "Nesta terra de dificuldades, todos anseiam pela paz. Com seu coro e sua música, estão nos trazendo um pouco de paz, que é acolhida com alegria."

• "Foi lindo, magnificente, refinado."

• "Os céus se abriram, os anjos cantaram."

• "Vim para cá sentindo-me pobre e fraco de espírito e saí sentindo-me forte. Despertaram algo em mim que não sentia havia muito tempo."

• "Sentei-me ao lado de Deus hoje."

UMA VIAGEM ESPIRITUAL

Élder James E. Faust, do Quorum dos Doze Apóstolos, e a esposa Ruth, viajaram para Israel com os 588 integrantes do coro, seus cônjuges e a equipe de auxiliares do coro. Élder Jeffrey R. Holland, dos Setenta, servindo atualmente como presidente da Área Europa Norte, e sua esposa, Pat, reuniram-se ao coro em Jerusalém. Sua presença e liderança contribuíram para a natureza espiritual da tournée do coro em Israel.

O crescimento espiritual ocorrido no coração dos integrantes do coro é uma parte importante da história dessa odisséia religiosa. "Essa visita teve profundo significado religioso para nós", disse o presidente do coro, Wendell M. Smoot, "porque contemplamos nossas raízes espirituais: nosso Salvador nasceu, viveu e foi crucificado lá. Esses locais provocam uma forte emoção em nós". Na verdade, muitos integrantes do coro descobriram que "vir a Cristo" era mais do que uma peregrinação à Terra Santa; era uma jornada espiritual.

Para o coro e seus convidados essa jornada espiritual iniciou-se a 27 de dezembro, pouco após sua chegada a Israel, quando foram à reunião sacramental no Centro Jerusalém da Universidade Brigham Young. Divisaram

O coro cantou "Grandioso És Tu" em *Dominus Flevit*, no Monte das Oliveiras, próximo ao local onde Jesus chorou por Jerusalém antes de sua entrada triunfal naquela cidade.

Jerusalém à noite, sentados no auditório do Centro, que possui três paredes envidraçadas. Diante deles se descortinava a vista completa de muitos dos locais por onde Jesus andara—desde a estrada de Belém, à esquerda, até a área do Getsêmani, à direita. Todas as facetas da reunião tiveram um forte espírito—desde a oração inicial e a distribuição do sacramento, até os discursos de Truman Madsen, diretor do Centro Jerusalém, Ann Madsen, membro do corpo docente, e Élder Jeffrey R. Holland.

"Ajudei a preparar as bandejas do sacramento", diz Stephen Bardsley, um integrante do coro. "Pediram-me que abençoasse o pão. Como posso exprimir em palavras as emoções que me encheram a alma? Chorava sempre que pensava no privilégio único de abençoar o sacramento como o Salvador fizera há tantos anos próximos daqui. Enquanto orava, cada palavra que fluía vagarosamente de meus lábios era doce. Pronunciar o nome sagrado e pedir ao Pai Celestial que abençoasse o pão emocionou-me demais."

Após o sacramento, o irmão Madsen falou. "Sonhávamos com isso, ansiamos por isso, e agora está acontecendo", disse ele a respeito da visita do coro. "O Senhor chamou-os para que aqui viessem".

Élder Holland contou a história da dedicação daquela terra para a volta dos judeus, feita por Orson Hyde no Monte das Oliveiras em 24 de outubro de 1841. "Estais criando recordações e fazendo história nesta dispensação", disse ele. "Assim o testifico".

Outro momento de especial interesse espiritual ocorreu dois dias depois, em Haifa, sob a forma de uma bênção apostólica. As exigências físicas e profissionais foram avassaladoras para todos os envolvidos na tournée. Os comentários de um integrante do coro, a seguir, ilustram tensões semelhantes vividas por outros: "Três meses de ensaios extenuantes, várias apresentações, uma dúzia de programas radiofônicos, preparativos particulares para a tournée, atividades familiares de Natal e a morte de minha mãe exigiram mais do que me era possível suportar. Quando embarquei, em 26 de dezembro, sentia-me completamente exausto. Essa não era a maneira de se iniciar uma tournée com o coro". Então, nos primeiros dois dias após a chegada a Israel, o coro teve quatro ensaios gerais, incluindo três ensaios do Réquiem de Berlioz (com aproximadamente uma hora e meia de duração), um ensaio e uma apresentação do concerto *a capela*.

Antes do primeiro concerto do coro em Haifa, Élder James E. Faust abençoou os integrantes do grupo. Abençoou-os para que seu organismo se renovasse e para que se fortalecessem para as apresentações.

"Pude sentir fisicamente as forças voltando ao meu corpo", diz o integrante do coro, Toni Davis. "Quando chegamos ao palco, sentíamos que nossas forças haviam retornado. Acredito que depois de fazermos tudo o que é possível, o Senhor faz o resto. Quando voltamos para o hotel, ajoelhei-me e agradeci ao Senhor pela força que nos dera—não apenas espiritual, mas também física."

Uma semana depois, durante uma reunião sacramental em Tiberíades, próximo ao Mar da Galiléia, Élder James E. Faust testificou a divindade do trabalho que o coro estava realizando e deu-lhes uma segunda bênção apostólica. Repetindo as palavras de Helamã 10:4–5, a bênção de Élder Faust enfatizou a promessa do Senhor que diz: "Por teres feito isso com tanta perseverança, eis que te abençoarei para sempre e te farei poderoso em palavras e atos".

ENSAIOS E CONCERTOS

Apesar de os integrantes do coro terem passado a maior parte do tempo em ensaios, concertos, e filmando um especial para a televisão a ser levado ao ar este ano, as experiências espirituais prosseguiram.

Um momento especial para o coro aconteceu a 28 de dezembro durante um ensaio no Centro Jerusalém, o primeiro ensaio com David Shallon, diretor da Orquestra Sinfônica de Jerusalém. O coro sentou-se de frente para a parede envidraçada e acortinada do auditório, e o sr. Shallon ficou de costas para as janelas enquanto trabalhava com o coro. Algum tempo após o início do ensaio, alguém puxou as cortinas, permitindo ao coro uma visão da cidade antiga à luz do dia. Quando o sr. Shallon se voltou para olhar, deu um grito sufocado e parou por um momento com as mãos juntas sob o queixo, enquanto ele e o coro absorviam a vista maravilhosa. Foi um momento emocionante tanto para o coro quanto para o diretor.

Durante os concertos, a vibração de cantar o Réquiem de Berlioz e os concertos *a capela* causou grande emoção e alegria aos integrantes do coro. Mas para pelo menos um deles, Michael McOmber, cantar em Israel tinha um forte significado pessoal.

"Cantei para judeus, muçulmanos, cristãos, e para o irmão de meu bisavô, John Alexander Clark", diz ele. O élder John Clark, que havia sido chamado para a missão turca em 1894, morreu vítima da varíola em 1895, em Haifa, na Israel de hoje. Ele foi um dos dois missionários lá enterrados que, aparentemente, haviam morrido em vão. No presente, contudo, essas sepulturas serviram

***Extrema esquerda*: As bem-sucedidas apresentações do coro foram o resultado de muitas horas de ensaio mesmo durante a tournée. O diretor de música e regente do coro, Jerold D. Ottley (*em pé*), examina uma seleção musical com o organista do Tabernáculo, Richard L. Elliott. À esquerda: O programa semanal de rádio e televisão *"Music and the Spoken Word"* (N.T. "Música e a Palavra Proferida"), apresentado por Lloyd D. Newell diretamente do Centro Jerusalém da BYU. Foi gravado para transmissão na América do Norte e em outras partes do mundo.**

como prova da presença anterior da Igreja em Israel e foram de grande auxílio para se obter aprovação para a construção do Centro Jerusalém.

Apresentamos uma canção emocionante baseada em Salmos 137", diz Michael, "'Junto aos rios de Babilônia nos assentamos e choramos, lembrando-nos de Sião'. Chorei ao cantá-la. Um senso de ironia inesperado tomou conta de mim ao pensar em meu ancestral John: 'Como entoaremos o cântico do Senhor em terra estranha?' dissera o salmista sobre a cativa Israel. Apesar disso, senti-me estranhamente em casa naquele lugar, ao entoar a canção do Senhor para meu ancestral. Fora até lá para cantar um réquiem in memoriam (N.T. em lembrança de alguém que morreu). Nunca te esquecerei, Ó Jerusalém, nem John Alexander Clark".

Cantar "Junto aos Rios de Babilônia" em Israel trouxe também um novo significado espiritual a muitos outros integrantes do coro. "Em Haifa, mal conseguimos cantar 'Junto aos Rios de Babilônia', porque o espírito era muito forte e várias pessoas choravam", diz um dos integrantes do coro. "Foi uma experiência incrível. Ao cantarmos 'Vinde, ó Santos', percebi que a letra se aplicava igualmente ao povo judeu, e senti-me ligado a eles".

GRAVANDO EM LOCAIS SAGRADOS

Muitos integrantes do coro e líderes sentiram mais fortemente o Espírito quando se reuniram nos locais de gravação do especial para a televisão. Uma vez que os lugares eram fechados ao público durante as gravações, o coro desfrutou alguma privacidade durante a atuação do grupo.

"Hoje o coro cantou 'Grandioso És Tu' nas alturas majestosas de *Dominus Flevit* (N.T. termo latino para "o Senhor chorou"), próximo de onde Jesus chorou antes de sua entrada triunfal", escreveu Ken Wilks em seu diário. Os olhos encheram-se-me de lágrimas ao pensar em meus ancestrais enterrados ao lado de uma igrejinha no interior do Alabama. Agradeci a Cristo por proporcionar as bênçãos do templo para unir as famílias."

Antes de gravar no Monte das Bem-aventuranças, o coro tomou dois barcos em Tiberíades e cruzou o Mar da Galiléia. A meio caminho, onde podem levantar-se tempestades repentinas como a ocorrida na noite em que Cristo acalmou as águas, os barcos pararam, foi feita uma oração e o coro e outros cantaram "Mestre, o Mar Se Revolta".

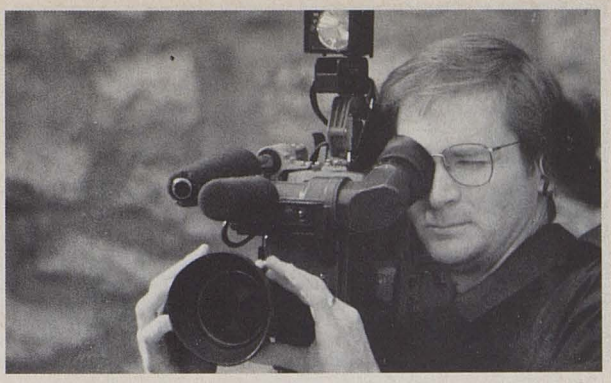
"Senti verdadeiramente o Espírito ao pararmos no Mar da Galiléia", diz alguém do coro. "Jamais senti o Espírito tão forte."

Devido a complicações, o coro chegou atrasado ao Monte das Bem-aventuranças, restando apenas uma hora de luz do dia. O céu já estava levemente anuviado, e o sol começava a se pôr no Mar da Galiléia. Vários observadores notaram que toda vez que as equipes de filmagem iniciavam as gravações do coro, o sol surgia por trás de uma nuvem estreita e seus raios iluminavam e aqueciam o local—outro testemunho da mão do Senhor acompanhando o coro a cada gravação. Na verdade, o tempo ficou seco e ensolarado no decorrer de, praticamente, toda a visita do coro. Choveu apenas uma vez, e foi à noite.

No Campo dos Pastores, o coro entrou em uma área cercada do campo próximo ao local onde os anjos apareceram aos pastores. Peter Vasko, um dos padres franciscanos que cuidam da área, acompanhou o coro durante as filmagens e disse-lhes: "Permito que cantem aqui porque os reconheço como testemunhas de Cristo".

Foi, porém, no Jardim do Sepulcro que muitos tiveram o mais forte sentimento espiritual.

No Jardim do Sepulcro, *à esquerda*, o coro cantou *"When I Survey the Wondrous Cross"*. À direita: Um cameraman grava a apresentação.



"O coro foi colocado em uma área em frente ao sepulcro vazio para a filmagem", diz Fay Mason, do coro. "Lá estava eu, de pé, diretamente em frente ao sepulcro vazio. A música fora gravada antecipadamente mas no último ensaio Jerold Ottley permitiu que cantássemos '*When I Survey the Wondrous Cross*' (N.T. 'Quando Observei a Assombrosa Cruz'). Enquanto cantava senti o Espírito do Senhor muito próximo. Por um instante senti que, se estendesse a mão, ele a seguraria."

"Adquiri uma compreensão muito maior do Salvador, e meu amor por ele aumentou", diz Tom Porter, do coro. "Ele vive! Pois como diz uma outra canção: 'Andei por Onde Andou Jesus, sentindo-o junto a mim'. Sentimo-nos dominados pelas últimas linhas da música ["*When I Survey the Wondrous Cross*"] ao fitarmos o sepulcro vazio. 'Amor tão assombroso, tão divino, reclama minh'alma, minha vida, meu tudo!' Minha esperança é que eu possa continuar a sentir essa mudança em minha vida, pois sou uma pessoa verdadeiramente diferente por ter visitado essa terra."

"FALAMOS A ELES ATRAVÉS DA MÚSICA"

Todos os que participaram da tournée do Coro do Tabernáculo assinaram um acordo de não-proselitismo, como o fazem todos os que freqüentam o Centro Jerusalém da BYU. Élder Faust explicou a razão desse acordo: "Na época em que adquirimos a propriedade para a construção do Centro Jerusalém e iniciamos as negociações para o arrendamento, também assinamos um acordo de não-proselitismo. Preferimos referir-nos a ele como um convênio, porque a palavra reflete nosso sério compromisso de honrar tal acordo. Certo dia, ao conversarmos com o Prefeito Kollek a esse respeito, ele nos lembrou que o mundo perdeu seis milhões de judeus no Holocausto. 'Simplesmente não podemos arriscar-nos a perder mais um judeu sequer', disse ele".

Integrantes do coro, cônjuges e equipe respeitaram esse acordo ao pé da letra; apesar disso, todos ainda encontraram muito sobre o que conversar com as pessoas de Israel. Muitos deram às pessoas que conheceram uma fita previamente aprovada com algumas das músicas populares do Coro do Tabernáculo, apropriadas para o povo israelense por não haver menção do nome de Cristo. "Não fizemos proselitismo. Falamos-lhes por meio da música", disse um dos integrantes do coro. "Deixamos nosso amor com eles", disse outro.

A ação generosa do cônjuge de um dos integrantes do coro trouxe resultados duradouros. Quatro integrantes do coro e dois dos cônjuges haviam tomado um táxi até o Centro Médico da Universidade Hebraica-Hadassah, em Kadesh, para ver os famosos vitrais de Chagall retratando as Doze Tribos de Israel. "Toda Jerusalém comenta a respeito do coro", disse Yocheved, a recepcionista. Porém, quando lhe perguntaram se iria ao concerto final aquela noite, ela gaguejou que devido a "problemas" não poderia ir.

Depois de saírem é que os seis perceberam que "problemas" significava que ela não tinha dinheiro para comprar o ingresso. Retornaram rapidamente e um dos cônjuges deu-lhe seu próprio ingresso. Sua alegre reação foi espontânea, e durante o concerto daquela noite ela comoveu-se até às lágrimas. Abraçou cada um dos novos amigos após o concerto e disse: "Não tenho como pagar-lhes por sua gentileza. Nem mesmo sei seus nomes, então hoje plantei uma árvore no Hospital Hadassah em nome do Coro do Tabernáculo Mórmon. Ela continuará a viver e a crescer, e da próxima vez que voltarem a Jerusalém poderão ver a árvore. Sua presença aqui trouxe-nos alegria e paz".

Kay Lynn Wakefield aprendeu uma importante lição de uma mulher que trabalhava no Jardim do Sepulcro. "Enquanto caminhávamos apressadamente", diz a irmã Wakefield, "o som límpido da voz de uma soprano encheu o ar. Senti-me tão atraída por aquele som sublime que me afastei da multidão para descobrir de onde vinha. E então eu a vi! Uma senhora inglesa, de baixa estatura, varria uma das trilhas no jardim.

Ao conversarmos, ela expressou a alegria sentida todos os dias ao varrer as trilhas do Jardim do Sepulcro, com freqüência cantando todo o caminho. Contei-lhe que o Coro do Tabernáculo cantaria no Jardim do Sepulcro naquele dia. Seus olhos ficaram marejados ao dizer: 'Sim, eu sei, e sinto-me privilegiada por estar aqui hoje para ouvi-los'. Então abracei-a e fui reunir-me aos outros. Uma vez mais fora lembrada de que não deveria ficar tão absorta no destino final, a ponto de esquecer de apreciar a jornada".

Quando uma integrante do coro entrou em uma loja de madeira de oliveira, em Belém, ela presenteou o comerciante com uma fita do Coro do Tabernáculo. Ele ouviu-a imediatamente. Em poucos minutos saiu correndo atrás da integrante do coro, gritando alegremente: "Escute o que sua música fez para minha loja!"

E assim a música do Coro do Tabernáculo cobriu Israel por dez curtos dias; em troca, Israel pareceu relutante em deixar a música terminar. Como o eco persistente no Campo dos Pastores, a música do coro continua a ser ouvida nos lares de todo o país quando as famílias escutam as fitas do coro, as reapresentações dos programas de rádio, e assistem às retransmissões da televisão.

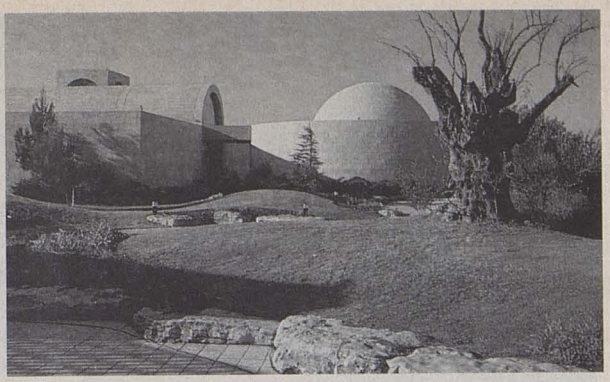
Como Élder Faust disse ao coro na reunião sacramental, em Tiberíades: "O bem que fizeram neste país jamais se acabará". □

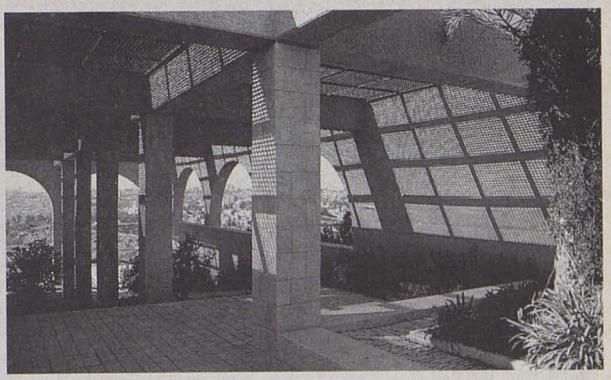
UM EDIFÍCIO DE LUZ E PAZ

Uma oliveira forte, retorcida e cheia de nós se destaca à luz do sol, perto da entrada do Centro Jerusalém da Universidade Brigham Young para Estudos do Oriente Médio. Os galhos escuros e nodosos da árvore contrastam intensamente com o branco faiscante da pedra do Centro. Embora a árvore pareça morta se comparada à relva verde em sua base, ela não está. Uma observação mais cuidadosa dessa oliveira de 800 anos, transplantada da Galiléia, revela brotos nascendo no tronco alterado pela exposição ao tempo. As oliveiras, cujas raízes podem durar séculos, estão entre as plantas mais resistentes, e a oliveira do Centro serve como lembrete a todos os que a vêem de que, quando aprofundamos nossas raízes nas verdades ensinadas pelo Salvador, podemos ser alimentados pelo evangelho e seguir rumo à vida eterna.

O Centro Jerusalém, elevando-se acima da Cidade Velha, localiza-se no extremo sul do Monte Scopus, que se estende ao norte do Monte das Oliveiras. O edifício de 11.146 metros quadrados encontra-se em uma área de 1,8 hectares. Os sete andares são construídos em um declive íngreme de 30,5 metros e incluem salas de aula, uma biblioteca, uma sala para múltiplos propósitos, um restaurante *self-service* e uma sala de jantar, dois auditórios e dormitórios para 175 alunos.

A mensagem da arquitetura desse edifício é luz e paz. Os visitantes entram primeiramente em um jardim isolado, com fontes e o som tranqüilo da água corrente; dirigem-se então a uma longa e alta galeria que reflete luz e calor. Mármore, teca (N.T. uma espécie de madeira)





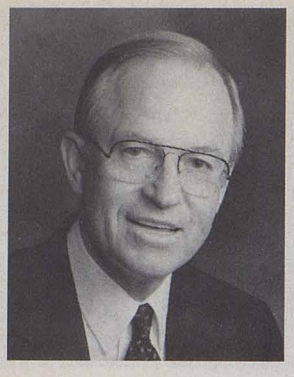
Com seus arcos graciosos cobertos de pedra, o Centro Jerusalém da BYU imita elementos do estilo comum em Jerusalém. Em uma galeria comprida e elevada (*no alto, à esquerda*), a luz reflete-se no chão de mármore. Na entrada do Jardim (*no alto, à direita*), há uma oliveira de 800 anos de idade.

e pedra de Jerusalém cobrem a maior parte das superfícies. Antes de entrarem no auditório superior de 330 lugares, os visitantes atravessam a luz filtrada dos arcos de treliça que circundam o auditório. Uma vez que três de suas quatro paredes são de vidro, a sala é bem iluminada. Diferente de qualquer outra arquitetura de Jerusalém, este auditório envidraçado proporciona uma vista da antiga cidade de Jerusalém. À noite, quando visto do vale, o edifício iluminado com suas camadas de janelas abobadadas parece um farol no monte.

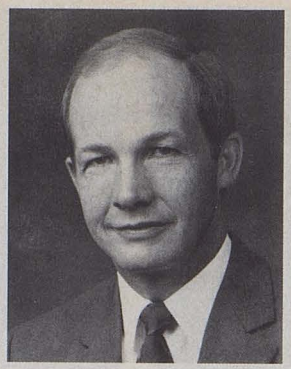
Após o término da construção, Élder Jeffrey R. Holland, na época presidente da Universidade Brigham Young, levou Teddy Kollek, o prefeito de Jerusalém, para visitar o edifício. Durante quarenta e cinco minutos, o Prefeito Kollek permaneceu virtualmente em silêncio, enquanto caminhava pelo Centro. Finalmente, disse: "Tomaram a mais bela propriedade que lhes poderíamos ter cedido e fizeram mais com ela do que pensei ser possível. Considero este local o mais lindo edifício construído em Israel nos últimos anos".

O Prefeito Kollek, um forte defensor de uma sociedade pluralista em Jerusalém, colocou sua carreira política em perigo repetidamente durante a construção do Centro. Ele declarou, em 16 de fevereiro de 1992, ao convidar o Coro do Tabernáculo para ir a Israel: "De todas as lutas destes vinte e cinco anos como prefeito de Jerusalém, a que envolveu o campus da BYU-Monte Scopus foi talvez a mais difícil e certamente a mais importante. Não foi uma luta pelos mórmons, mas uma luta pela tolerância em uma cidade que deve estabelecer um exemplo para o mundo—uma cidade na qual todos possam orar a Deus a seu próprio modo, sem restrição. Como poderíamos nós, judeus, que fomos afastados de nossos lugares sagrados por séculos, recusar o direito de outros estabelecerem uma legítima instituição educacional e um local de adoração em Jerusalém?"

Hoje, alunos da Universidade Brigham Young podem estudar no Centro Jerusalém para Estudos do Oriente Médio. É, na verdade, uma luz no monte para esses alunos que lá vão adquirir conhecimento e aprofundar suas raízes espirituais nas verdades permanentes do evangelho e da vida de Cristo. Arquitetonicamente, é também uma luz no monte, pois situa-se, com seus arcos, no alto do Monte Scopus, sussurrando paz para a cidade abaixo. □



Élder John K. Carmack



Élder Monte J. Brough

Élder Tai Kwok Yuen

A Igreja na Índia, Paquistão, Bangladesh e Sri Lanka

A Área Asiática consiste do Afeganistão, Bangladesh, Butão, Brunei, Cambodja, China, Hong Kong, Indonésia, Macau, Malásia, Maldivas, Mongólia, Myanma (antiga Birmânia), Nepal, Paquistão, Cingapura, Sri Lanka, Taiwan, Tailândia e Vietnã.

Os missionários SUD começaram o proselitismo nos anos 1850, no chamado subcontinente indiano, que era uma parte do continente asiático, mas somente nos últimos anos a Igreja tem estado presente naquela área de maneira consistente. Para sabermos como o evangelho está se espalhando pela Índia e por alguns outros países da Área Asiática, os redatores da revista conversaram com o Élder Monte J. Brough do Quorum dos Setenta, Presidente da Área Asiática, e com os Élderes John K. Carmack e Tai Kwok Yuen do Quorum dos Setenta, conselheiros na Presidência da Área.

P: Podem falar-nos sobre o progresso da Igreja na Área Asiática?

R: Um importante acontecimento na área foi a criação da Missão Índia Bangalore, em janeiro deste ano. O Presidente da Missão, Gurcharan Singh Gill, professor de matemática na Universidade Brigham Young, é indiano.

A Igreja enfrenta muitos desafios na Índia, mas a estrutura da missão servirá melhor ao propósito da Igreja de alcançar os 800 milhões de habitantes do país. A maior força da Igreja é o seu potencial de crescimento. Nas terras onde servimos, estamos no estágio em que a Igreja se encontrava há quarenta ou cinqüenta anos na América do Sul. Temos relativamente poucos membros, mas são fiéis, devotados e desejosos de trabalhar.

P: Quantos membros temos nesses países?

R: Na Índia temos 1.200 membros espalhados por todo o país, embora a maioria deles seja do centro-sul da Índia.

No Paquistão, a Igreja tem sete unidades, com cerca de 150 membros. Tivemos aproximadamente sessenta batismos no ano passado.

Há também um ramo da Igreja, com 112 membros, em Colombo, Sri Lanka, país situado em uma ilha.

FOTOGRAFIA DE ISAAC FERGUSON

P: As pessoas desses países enfrentam muitos obstáculos quando se filiam à Igreja?

R: A miséria é um grande obstáculo para muitas pessoas desses países. Também, como a cultura religiosa faz parte integrante do seu estilo de vida, a pressão da família e dos amigos é, muitas vezes, um grande desafio para aqueles que decidem seguir uma religião diferente.

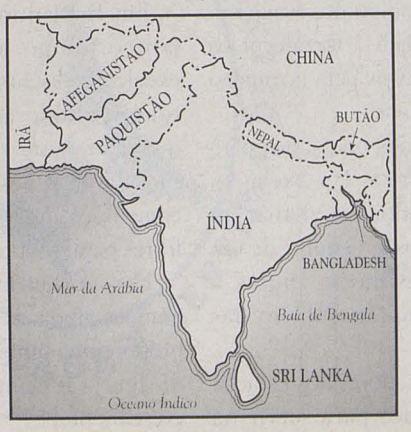
P: Como os membros enfrentam estes problemas?

R: Onde quer que o evangelho encontre solo fértil, independentemente do país ou das circunstâncias em que as pessoas vivam, ele tem o mesmo efeito maravilhoso—abençoa e traz felicidade.

P: Poderia mencionar algumas pessoas que são exemplos desse crescimento?

R: Há um rapaz na Índia, Ebeneezer Solomon, cuja mãe, que não fala inglês, ouviu a respeito da Igreja há alguns anos, por uma das muitas duplas de missionários que tivemos na Índia. Ela filiou-se à Igreja e trouxe consigo os dois filhos. Ebeneezer cumpriu missão na Índia há poucos anos. Casou-se e agora é conselheiro do presidente na Missão Cingapura. O irmão de Ebeneezer, Samuel, é presidente do ramo de Bangalore.

Há muitos outros que poderíamos mencionar. Há uma família em Lahore, Paquistão, que leu o Livro de Mormón há muitos anos.



À esquerda: **Incluído na Área Asiática da Igreja, o Nepal abriga mais de 18 milhões de pessoas. Na capital, Kathmandu, *acima*, adoradores em um Templo Hindu lavam-se no Rio Baghmati.**

FOTOGRAFIA DE MARVIN K. GARDNER

Sherine Opatha, de Colombo, Sri Lanka, foi a primeira missionária a ser chamada em seu país. Ela serviu nas Filipinas de 1989 a 1990.

Obtiveram testemunho de sua veracidade e foram batizados recentemente. Existe ainda um irmão no Paquistão, cuja vida mudou quando leu o folheto da Igreja—*O Testemunho do Profeta Joseph Smith*.

Poderíamos mencionar ainda as contribuições de nossos irmãos de outros países—pessoas dos Estados Unidos e da Europa, ou outros lugares, que vivem nessas terras devido a suas funções no governo ou nos negócios. Com sua experiência na Igreja, ajudam a fortalecer os ramos que freqüentam e são responsáveis pela aceitação do evangelho por parte de muitas pessoas.

Também temos casais de missionários chamados para o serviço humanitário na Área Asiática. Por exemplo, quatro casais de Utah chegaram a Hanói, no Vietnã, em janeiro, para ensinar inglês aos médicos e à equipe de um grande hospital. Além disso, ensinarão inglês a professores, funcionários e crianças do Palácio das Crianças de Hanói.

No outono passado, quatro ex-educadores dos Estados Unidos e as esposas, foram chamados para servir na Mongólia como consultores e conselheiros do Ministério da Educação e das cinco universidades e suas faculdades. Foram convidados a participar de vários importantes comitês de educação e a ensinar inglês e princípios de administração. Esses casais foram recebidos calorosamente, não apenas profissionalmente, mas também por pessoas interessadas em saber mais sobre a Igreja. Vários pesquisadores já freqüentam as reuniões dominicais regularmente.

P: *Como vê o futuro da Igreja nesta parte da Ásia?*

R: A expectativa é de crescimento contínuo, à medida que o Espírito tocar as pessoas e pudermos atingi-las. Nessa enorme vinha, os trabalhadores são relativamente poucos, mas têm servido bem.

No momento estamos mantendo a Igreja tão simples e básica quanto possível nestas áreas, de maneira que os membros não se sintam esmagados pela estrutura organizacional, enquanto crescem no evangelho.

Em Bangalore, Índia, na reunião sacramental há pouco tempo, um rapaz de quatorze anos fez um excelente discurso, e seu irmão de vinte anos dirigiu a reunião; tudo estava tão bem preparado quanto em qualquer outra reunião em qualquer parte do mundo. Em algumas destas áreas, onde a Igreja é pequena e comparativamente nova, estamos desenvolvendo líderes fortes para o futuro.

Há outro elemento que fortalece nossos esforços—as famílias ainda estão intactas nestes países. Essa condição proporciona um elo natural com as doutrinas e princípios da Igreja e é uma das coisas que vai auxiliar o seu crescimento. □

SEÇÃO INFANTIL

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • OUTUBRO DE 1993

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON

Aarão Ensina o Pai de Lamôni

O Espírito do Senhor guiou Aarão e seus companheiros à terra de Néfi para ensinar o pai de Lamôni, o rei de todos os lamanitas.
Alma 22:1

Aarão contou ao rei que era irmão de Amon. O rei havia pensado na bondade de Amon e nas coisas que ele dissera.
Alma 22:2–3

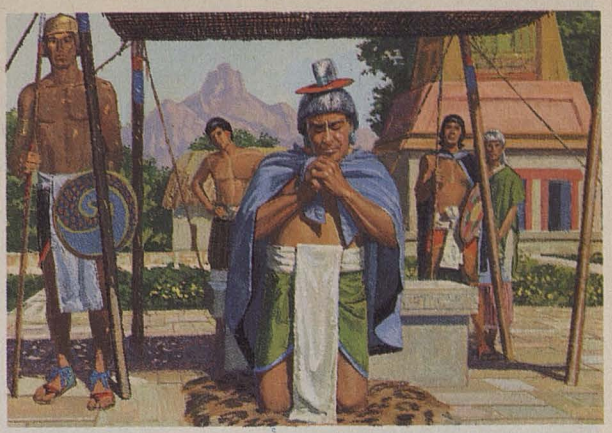
Quando perguntaram ao rei se acreditava em Deus, ele respondeu que se Aarão dissesse que Deus existia, ele acreditaria. Aarão afirmou ao rei que existe um Deus.
Alma 22:5–8

ILUSTRAÇÃO DE JERRY THOMPSON

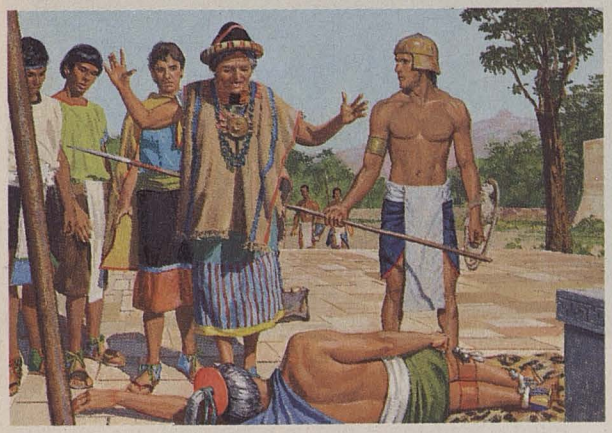
Aarão leu as escrituras para o rei. Ensinou-lhe a respeito da criação do mundo, da queda de Adão e da missão de Jesus Cristo.
Alma 22:12–14

O rei perguntou o que precisava fazer para poder viver com Deus e ser feliz. Ele disse que faria qualquer coisa, até mesmo abandonaria seu reino.
Alma 22:15

Aarão disse-lhe que deveria ajoelhar-se e orar com fé em Deus. E que também precisaria arrepender-se completamente de seus pecados.
Alma 22:16

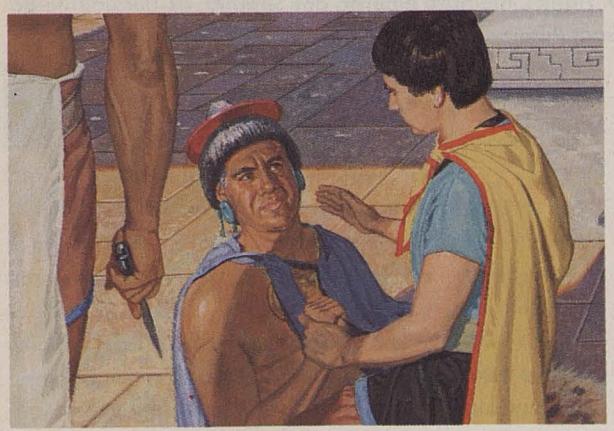


O rei ajoelhou-se e orou para saber se Deus realmente existia. Ele disse que abandonaria todos os seus pecados.
Alma 22:17–18



O rei caiu ao chão como se estivesse morto. Quando a rainha o viu, pensou que Aarão e seus companheiros o tivessem matado.
Alma 22:19

A rainha ordenou aos servos que matassem Aarão e seus companheiros. Os servos ficaram com medo de fazer isso, então ela mandou que chamassem o povo para matá-los.
Alma 22:20–21



Antes que uma grande multidão se formasse e provocasse tumulto, Aarão pegou a mão do rei e disse: "Levanta-te", e o rei se pôs em pé.
Alma 22:22

O rei acalmou a esposa e os servos que estavam assustados e ensinou-lhes o evangelho. Todos eles acreditaram em Jesus Cristo.
Alma 22:23

FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN; DIREITOS AUTORAIS DA CORPORAÇÃO DO PRESIDENTE DE A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS; REPRODUÇÃO NÃO AUTORIZADA

DE UM AMIGO PARA OUTRO

ÉLDER MARION D. HANKS

Entrevista com o Élder Marion D. Hanks, membro emérito dos Setenta, ex-presidente do Templo de Lago Salgado, por Janet Peterson.

Um grupo de jovens da Igreja, portadores de recomendação, estavam indo ao Templo de Lago Salgado para fazer batismo pelos mortos. Uma jovem sentia-se indecisa porque, na realidade, não compreendia a razão da existência do templo. Sua professora disse: "Se você acha que não está preparada para esta experiência, talvez possa ajudar uma jovem que usa cadeira de rodas. Você poderia acompanhá-la, ajudá-la a se trocar, levá-la à pia batismal e cuidar dela?" A jovem concordou.

Ao ajudar a jovem de cadeira de rodas, que nem conhecera antes, ela sentiu o Espírito do Senhor. Sentiu-se tão tocada que ela mesma pediu para ter o privilégio de fazer batismos.

Uma das coisas que o Pai Celestial requer de nós, se desejarmos voltar à sua presença, é que sejamos

batizados. Quando nossos pais são membros da Igreja, isso normalmente acontece ao completarmos oito anos de idade, pois já temos compreensão e responsabilidade suficientes.

Muitas pessoas na face da terra, no entanto, não foram batizadas porque não tiveram essa oportunidade. É por isso que os missionários são enviados a todas as partes do mundo para pregar o evangelho.

E os que morreram sem terem tido a oportunidade de serem batizados? O Pai Celestial disse que nós que vivemos na terra, nesta época, devemos ajudar os que já faleceram, batizando-nos por eles. Por isso as pessoas vão ao templo e são batizadas pelos antepassados e por outras pessoas que não podem fazê-lo por si mesmas. O espírito dessas pessoas ainda está vivo; somente seu corpo morreu. O evangelho lhes é pregado no mundo espiritual e podem aceitar ou não as ordenanças feitas por elas aqui.

Uma das grandes bênçãos do templo é que um homem e uma mulher podem casar-se ali para toda a eternidade. Então, eles e todos os filhos estarão selados, ou seja, unidos para sempre como família, se continuarem a viver retamente.

Um homem e uma mulher que não se casaram no templo podem, mais tarde, se forem dignos, ir ao templo com os filhos e ser selados por alguém que tenha a autoridade do Pai Celestial para realizar essa ordenança sagrada. É maravilhoso ver a mãe e o pai se ajoelharem com os filhos no altar da casa do Senhor, e serem selados como família. Todos se vestem de branco e, às vezes, as crianças menores não compreendem muito bem o que está acontecendo, mas sentem o Espírito e se animam.

Uma das mais belas experiências que tive no templo foi quando trabalhava com as crianças que seriam seladas aos pais. Certa vez perguntei a um menino: "O que você está fazendo aqui no templo?".

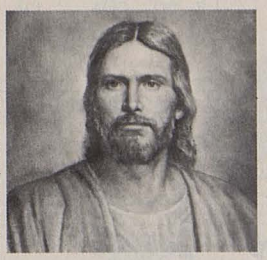
Ele respondeu: "Vim para ser selado aos meus pais".

Então perguntei: "O que quer dizer isso?"

Ele disse: "Seremos uma família para sempre".

Eu disse: "Que bela resposta. Acho que você deve ter uma boa família já que deseja estar com eles para sempre".

Ele levantou os olhos e disse: "Sim, eu tenho". As crianças podem compreender a santidade e importância do templo.



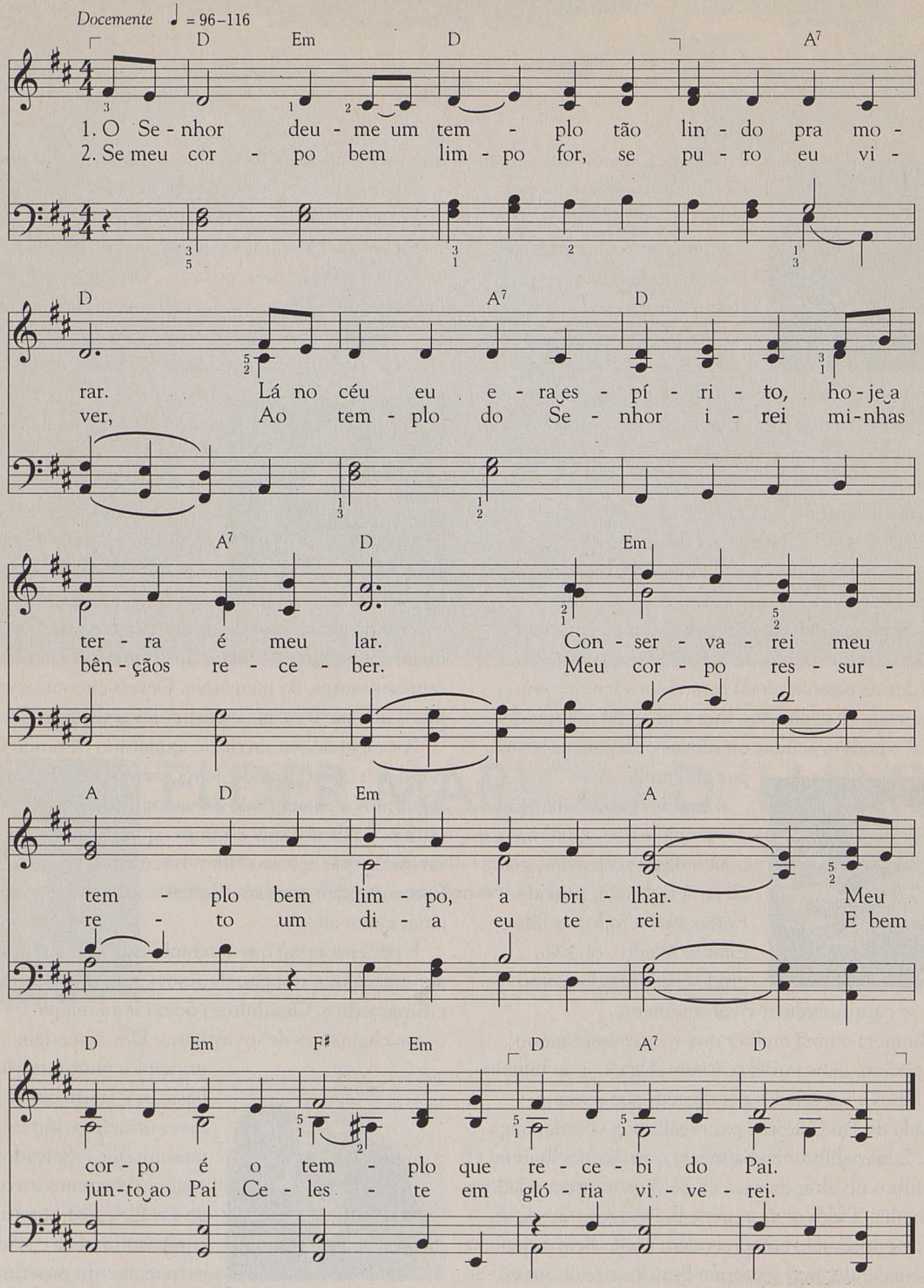
JESUS CRISTO, DE DEL PARSON

O Pai Celestial é o Pai de todas as pessoas que já viveram. Ele deseja que todos os seus filhos recebam essas bênçãos, mas não obriga nenhum deles. Ele estabeleceu sua Igreja, revelando o evangelho e restaurando o sacerdócio e disse a nós, membros da Igreja: "Sois os instrumentos ou, os representantes, do meu amor. Deveis encontrar os outros filhos que me buscam, e ensiná-los e ajudá-los".

Por meio de seu sacrifício expiatório de amor, Cristo nos deu a oportunidade de receber estas bênçãos. Se seguirmos o exemplo do Salvador, poderemos ajudar os outros. É por isso que estamos aqui. Deus nos amou de tal forma que deu seu Filho. E seu Filho nos amou de tal forma que deu sua vida. Estamos aqui para aprender a amar como eles.

É por essa razão que o templo existe. É um lugar para aprendermos a respeito de Jesus Cristo e seguirmos seus ensinamentos. Os adultos podem ir ao templo e receber o que chamamos de investidura. Eles aprendem princípios muito simples e básicos, e fazem convênios. Esses princípios são os mesmos que o Salvador ensinou: fazermos a vontade do Pai Celestial, servirmos, compartilharmos e sermos extremamente generosos. Não vamos ao templo apenas para realizar ordenanças pelos mortos, mas também rededicamos nossa própria vida aos ensinamentos de Jesus Cristo. □

O SENHOR DEU-ME UM Ttemplo



Letra: Donnell Hunter, n. 1930. ©1969 SUD
Música: Darwin Wolford, n. 1936. © 1969 SUD

Este hino pode ser copiado para uso na igreja ou no lar, não para uso comercial.

I Coríntios 3:16–17
Doutrina e Convênios 88:27–29

FICÇÃO

A ESCOLHA DA EQUIPE

Mark Shaffer

ILUSTRAÇÃO DE SHAUNA MOONEY KAWASAKI

Stewart acordou apavorado. Era sexta-feira — dia de jogar bola na aula de educação física. Sentiu um nó no estômago. Não conseguiu tomar o desjejum e ficou quase o tempo todo calado no carro, enquanto sua mãe o levava para a escola.

A primeira aula era de artes, sua preferida. Ele gostava dessa aula porque era algo que sabia fazer bem. Também gostava porque não tinha que competir com ninguém. Não havia nem vencedor nem perdedor; todos simplesmente faziam o melhor que podiam. *Isso é justo*, pensou ele.

A segunda aula era de inglês, uma aula que Stewart até apreciaria se não fosse justamente antes da aula de educação física. Ele adorava ler. Era uma aventura e tanto deixar-se levar para lugares longínquos pela imaginação. Hoje, porém, quando começava a gostar da história, lembrou-se de que, em menos de uma hora, estaria usando seu calção de ginástica e tênis, esperando que todos os outros meninos fossem escolhidos para as equipes. Aí, alguém finalmente diria: "Puxa, mas que maravilha — agora acho que vamos ter que ficar com o Stewart!" Isso era ainda pior que o próprio jogo. É claro que os jovens mais fortes e mais atléticos eram os primeiros a serem

escolhidos; Stewart compreendia isso, mas não entendia por que eles tinham que zombar dele só porque não jogava bem.

Era a hora da terceira aula. Stewart atravessou o campo de futebol e foi para o ginásio de esportes, estremecendo só ao sentir o cheiro do vestiário. Ele e os outros jovens trocaram-se rapidamente e tomaram seus lugares no chão do ginásio de esportes; os treinadores não gostavam de ficar esperando.

"Formem fila; hoje é dia de queimada", gritou o treinador Warden. "Precisamos de líderes para as equipes!"

Stewart chutou as linhas pintadas no chão do ginásio, desejando que a aula já tivesse terminado e que fosse a hora do intervalo. Ficou espantado quando o treinador chamou seu nome — ele nunca havia sido chamado para escolher uma equipe antes!

Logo ele e outros três jovens estavam à frente do grupo. Então o treinador Warden disse: "Stewart, você começa".

Imediatamente, a maioria dos jovens começou o costumeiro ritual de pular, acenar as mãos e gritar: "Eu! Eu! Eu!" Dan ficou ali parado com os braços cruzados. Ele não precisava ficar pulando; era o melhor atleta da escola e era sempre o primeiro a ser escolhido. Ele disse a Stewart: "Vamos, escolha-me e eu formarei o resto da equipe para você". Stewart hesitou e Dan ficou intrigado. "Escolha-me — você sabe que sou o melhor".

Todo o ginásio ficou em silêncio, sem acreditar quando Stewart disse: "Escolho o Craig".

Craig, espantado, deu um passo à frente e então abriu um largo sorriso. "Nunca fui o primeiro a ser escolhido". Ele era sempre o penúltimo a ser chamado, antes de Stewart.

Os outros líderes de equipe escolheram. Quando chegou a vez de Stewart novamente, podia-se ouvir um alfinete cair no chão quando disse: "Andy". Andy sempre era chamado antes do Craig.

A cada rodada, Stewart prosseguiu fazendo as escolhas no sentido contrário ao de costume, chamando os jovens que "sobravam" e nunca eram escolhidos. Os outros líderes escolheram os melhores jogadores, como sempre.

Pela primeira vez, Stewart gostou do jogo. Sua equipe ficou em último lugar, mas isso não importava. O que importava é que todos os jovens da equipe sentiram que tinham valor.

Quando a partida terminou, todos foram trocar de roupa. Stewart estava amarrando os sapatos quando Dan se aproximou e o insultou: "Eu avisei para me escolher, mas você não quis. Você não passa de um perdedor".

"Dan!". Era a voz autoritária do treinador. "Stewart pode ser qualquer coisa, menos um perdedor". O treinador Warden fez Dan se desculpar, mandou-o para a sala de aula com os outros, depois virou-se para Stewart e disse: "Obrigado".

"Como? Pelo quê?"

O treinador sentou-se no banco e fez sinal para Stewart sentar-se perto dele. "Por me lembrar de algo muito importante. Sabe, sempre que há competição tem que haver um vencedor e um perdedor. Todos querem vencer, ninguém quer perder. Hoje, os líderes das outras equipes pensavam em vencer, por isso escolheram os melhores jogadores. Você estava mais preocupado com os sentimentos dos outros. Teria sido muito fácil ter escolhido o Dan e deixá-lo formar a equipe vencedora para você. Você, porém, não fez isso. Foi corajoso o bastante para escolher aqueles que todos consideravam perdedores. Hoje, no entanto, foi o verdadeiro vencedor, Stewart, assim como os seus colegas de equipe. Estou muito orgulhoso de você".

O treinador foi até a porta com Stewart, depois foi para seu escritório, onde fez uma lista com os nomes de todos os rapazes. Recortou as tiras de papel e jogou-as num boné de beisebol, para sortear as equipes que iam jogar no dia seguinte. □

O SENHOR DEU-ME UM Ttemplo

"Sim, o homem é o tabernáculo de Deus; mesmo templos" (Doutrina e Convênios 93:35).

O Senhor deu-me um templo tão lindo pra morar.
Lá no céu eu era espírito, hoje a terra é meu lar.
Conservarei meu templo bem limpo, a brilhar.
Meu corpo é o templo que recebi do Pai.
(Veja página 6 desta revista.)

Judy Edwards

Este hino da Primária diz que nossos corpos são templos que o Pai Celestial nos deu. As escrituras também nos dizem isto: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?" (I Coríntios 3:16).

Como podemos conservar nosso templo limpo e fazê-lo brilhar? De que maneira podemos manter-nos puros para que o Espírito de Deus esteja conosco? Podemos começar pensando, dizendo e fazendo coisas boas e edificantes.

Quando o Presidente Spencer W. Kimball estava com nove anos de idade, tinha a responsabilidade de tirar leite de duas a nove vacas, todos os dias, na fazenda da família. Ordenhar as vacas é algo um tanto monótono, então ele pensou em coisas interessantes, boas e divertidas para fazer enquanto isso. Treinou esguichar leite na boca dos gatos que ficavam ali por perto durante a ordenha. Ao compasso dos jatos de leite batendo no balde, repetia as Regras de Fé e os Dez Mandamentos até decorar todos eles. Copiou a maioria das letras dos hinos em folhas de papel e decorou-as. Sentado num banquinho de uma perna só, com a cabeça apoiada no corpo da vaca, cantava os hinos para as vacas.

O Presidente Kimball purificou o espírito, ocupando a mente com coisas úteis enquanto trabalhava. Como podemos fazer o mesmo?

Instruções

Leia o que o Presidente Kimball fez para que seus pensamentos, palavras e ações permanecessem puros. Depois, cole sua foto ou desenho na coluna da direita e preencha os espaços em branco com coisas que você pode fazer para que seus pensamentos, palavras e ações sejam puros.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Conte a história do Presidente Kimball. Faça cópias da atividade para as crianças. Peça a cada criança que procure uma escritura ou hino preferido, copie numa folha de papel e depois decore. Os menores podem fazer desenhos.

2. Diga às crianças que escrevam o que podem fazer quando palavras ou pensamentos impróprios lhes vêm à mente. (Possíveis respostas: recitar uma escritura que decoraram, cantar ou murmurar um hino da Primária ou do hinário, orar em silêncio, pensar em uma história alegre, pensar no que Jesus fez quando foi tentado, dizendo: "Vai-te, Satanás". [Veja Lucas 4:5–8.])

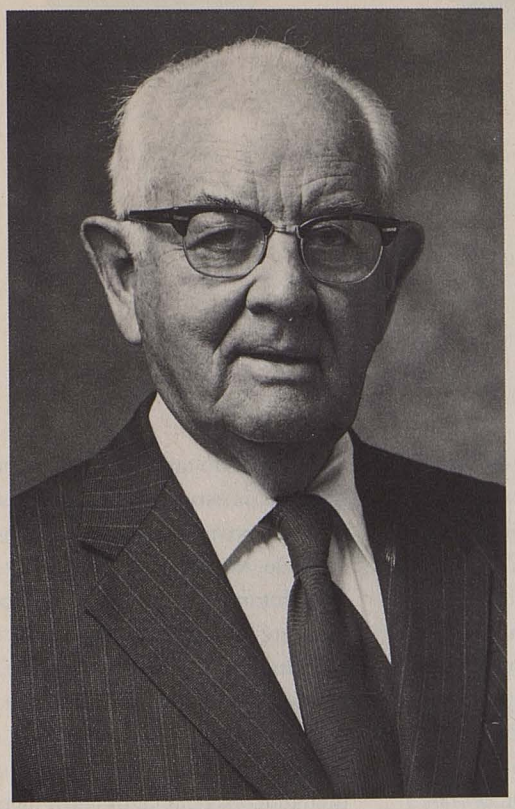
3. Designe as classes para que procurem e debatam uma das seguintes escrituras que comparam o bem e o mal: Salmos 34:13–14; Provérbios 12:5; 12:17; 12:19; 12:20; 12:22; 13:5.

4. Coloque papéis com o nome das crianças em uma caixa e sorteie alguns, pedindo então às demais, que descrevam as crianças escolhidas com palavras positivas e carinhosas. Debata como nos sentimos felizes quando falamos coisas boas a respeito dos outros. □

O Presidente Kimball

(Seu nome)

_____



1. Fazia sua tarefa (ordenhar as vacas)
2. Decorou as Regras de Fé
3. Decorou os Dez Mandamentos
4. Cantava os hinos
5. Decorou os hinos

1. Faço minhas tarefas (_____ _____)
2. _____ _____
3. _____ _____
4. _____ _____
5. _____ _____ _____

FOTOGRAFIA DE ELDON K. LINSCHOTEN

As Flores de Jane

Deborah Hopkinson
Baseado em fatos reais

A mãe de Jane sabia cuidar maravilhosamente do jardim. Podia fazer florir até mesmo um pedacinho de solo rochoso. "Mesmo que fique cansada, sinto-me renovada quando cuido do jardim ou apenas admiro uma campina de flores silvestres", disse certa vez a Jane.

Depois que a mãe ficou doente, Jane colhia flores para ela todos os dias, enchendo o quarto com prímulas, margaridas, jasmins e flores do campo de todas as cores do arco-íris.

O outono, porém, chegou e não havia mais flores.

"A geada matou as últimas flores", sussurrou Jane um dia ao levar um punhado de folhas ainda viçosas para alegrar a mãe.

Pegando a mão de Jane, ela disse: "Quando a primavera chegar, Jane, lembre-se de olhar as flores por mim".

Jane achou que o longo inverno do Maine jamais terminaria. A casa estava tão fria sem sua mãezinha. Os pequenos Rose e Isaac tinham ido para a casa da tia Ellen. Seu pai estava sério e calado.

Certo dia seu pai lhe disse: "A tia Ellen descobriu uma prima de sua mãe que pode vir cuidar da casa para nós na primavera. Se isso acontecer, a Rose e o Isaac podem voltar para cá".

"Qual é o nome dela?"

"Kate. Prima Kate."

A prima Kate parecia uma garota. Era gordinha e sempre prendia as tranças ruivas no alto da cabeça. Rose e Isaac voltaram para casa. Eles e Jane sentiam saudades da mãe. A prima Kate, porém, acariciava os dois pequenos e os fazia rir. Até mesmo o pai sorria um pouco com seu jeito engraçado. Jane, no entanto, ainda não conseguia rir.

Por fim, a beleza da primavera iluminou o mundo. Os narcisos de sua mãe desabrocharam; depois surgiram os crisântemos com seu amarelo vivo. Nas árvores os botões floresciam. Certa noite, Jane sentiu o doce aroma dos lilases que ficavam embaixo da janela .

Ela, porém, só tinha vontade de gritar e brigar com as flores. Como é que podiam estar ali, agora que sua mãe se fora?

Certa manhã Kate disse: "Jane, precisamos fazer uma boa limpeza na casa".

Kate e Jane começaram uma revolução, virando colchões e chacoalhando tapetes. Depois que toda a casa estava limpa, Kate disse: "Ainda não mexemos nos vestidos de sua mãe. Venha ajudar-me".

Relutante, Jane seguiu a prima Kate até o quarto dos pais. Os vestidos da mãe ainda estavam pendurados no guarda-roupa.

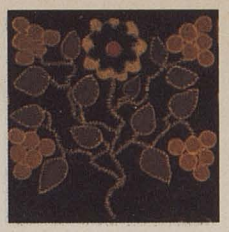
"Vamos separar alguns destes vestidos para você, Jane. Assim, quando crescer, poderá vestir algo que era dela."

Kate começou a separá-los. Jane sentou-se no chão, segurando um vestido de lã vermelho com o qual a mãe costumava ir à Igreja. Sentiu as lágrimas rolarem pelo rosto e virou-se para a janela para que Kate não as visse.

Lá fora, avistou o pai, ao lado do celeiro, e Rose brincando com Isaac perto do jardim. Kate havia trabalhado muito no jardim que prometia fazer desabrochar todo tipo de flores e verduras.

Jane olhou para o vestido que tinha nas mãos. Não queria desfazer-se dele—não queria desfazer-se de nenhum vestido. Eles fariam com que se lembrasse da mãe durante os invernos longos e frios, quando não haveria flores. Subitamente teve

ILUSTRAÇÃO DE DENISE KIRBY



uma idéia. "Lembre-se de olhar para as flores" a mãe dissera. Jane virou-se para a prima e perguntou meigamente: "Kate, será que eu poderia ficar com um destes vestidos agora, antes de crescer?"

Kate parou e olhou para Jane. "Estes vestidos fazem com que a sinta mais perto de você, não é mesmo?"

Jane balançou a cabeça, concordando. "Quero fazer algo para que seja lembrada. Poderia fazer um acolchoado, mas não sei fazer isso direito".

"Sua mãe a ensinou a fazer tapetes? Ela mesma fez alguns tapetes lindos com apliques e bordados."

"Ah sim! Ela me ensinou! Lembro-me de ouvi-la dizer que quando sabemos fazer um tapete, podemos transformar qualquer casa em um lar."

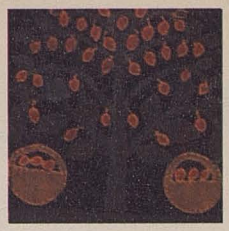
"Bem, vamos ver", disse Kate, balançando a cabeça.

"Esse vestido vermelho de lã que você está segurando seria perfeito. Este preto de lã, também". E sorriu para Jane.

Ela entende o que estou sentindo, pensou Jane.

O tapete seria de lã, assim duraria mais. Jane começou a pensar no desenho—tem que ter muitas flores!

ILUSTRAÇÃO DE DENISE KIRBY



Trabalhou no tapete todas as noites durante o verão. Era grande—com mais de um metro de largura e quase dois metros de comprimento—perfeito para ser colocado em frente à lareira ou na cozinha.

Bordou o centro do tapete com desenhos com tudo que observava ao redor naquele verão: árvores, a velha vaca da família, pássaros nos ninhos no pomar de maçãs, seu pai no cavalo indo à cidade. Colocou até a casa em que morava, com as duas grandes janelas embaixo, quatro janelas do andar superior e duas grandes chaminés. Bordou uma bela flor e dezenas de lindos corações. Bem no meio, copiou o vaso de flores preferido da mãe com um maravilhoso arranjo.

"Você não tem mais espaço no centro", disse Kate rindo certa noite. "O que vai fazer nas bordas?"

"Trepadeiras e mais flores", disse Jane.

"É um projeto trabalhoso para uma menina de onze anos", comentou o pai. "Nunca vi nada parecido em todo o Maine."

"Ah, paizinho!"

"Bem, pelo menos não em Wiscasset. Com certeza ganha um prêmio na Feira da Colheita." (N. T. Uma espécie de feira de artesanato, realizada na época da colheita, onde as pessoas expunham trabalhos.)

"Dá para perceber que a Jane pôs muitas lembranças neste tapete e o está fazendo com muito amor", comentou a prima Kate.

Jane cortou mais de cem flores para fazer apliques na borda. Usou as roupas da mãe que tinham cores mais vivas. Bordou folhas, trepadeiras e flores contornando todo o tapete. Todas as noites, antes de dormir, tinha de chacoalhar a mão pois seus dedos ficavam duros e doloridos de tanto segurar a agulha. No dia seguinte, porém, tinha ainda mais vontade de olhar ao redor para se inspirar nas coisas belas que a mãe lhe ensinara a ver.

Finalmente terminou o tapete. A prima Kate ajudou-a a passá-lo a ferro na noite anterior à Feira da Colheita.

Foram de carroça para o centro de Wiscasset, até o grande pátio da igreja. Já havia acolchoados, tapetes e bordados de todos os tipos em exposição.

Jane hesitou.

"Venha", disse a prima Kate, puxando-a pelo braço. "Vamos para dentro."

"O que temos aqui?" perguntou a sra. Kingsbury.

"Um tapete feito por Jane Gove, de onze anos", disse Kate, orgulhosa, enquanto Jane tentava disfarçar o acanhamento.

Na luz da manhã, o tecido claro e os fios coloridos brilhavam e se destacavam sobre a lã preta.

"Puxa, é quase como estar num jardim! Você é a filha mais velha de Mary Gove, não é? Sua mãe se sentiria orgulhosa!" exclamou a sra. Kingsbury.

Quando caminharam pelo pátio, observando geléias, animais e abóboras, era quase como se fossem uma família novamente. Prima Kate jamais poderia substituir a mãe, mas Jane estava feliz por ela ter ido morar com eles. Era bom ver Isaac e Rose rindo outra vez. E seu pai parecia sentir-se mais leve. *Mas, não nos esquecemos de nossa mãezinha. Ela estará sempre em nossos corações*, pensou Jane.

Após o jantar, foram anunciados os vencedores. Quando viu a exposição de bordados, Jane realmente não pensou que o tapete venceria. Subita-

Jane fez o tapete com as roupas da mãe que tinham as cores mais vivas. Queria transmitir as coisas belas que a mãe a ensinara a ver.

FOTOGRAFIA DO TAPETE: CORTESIA DO CENTRO SEAVER PARA PESQUISA DO OESTE, MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL, CONDADO LOS ANGELES, CALIFÓRNIA

mente, porém, ouviu seu nome!

"Na Feira da Colheita de Wiscasset de 1845, o prêmio de primeiro lugar em bordados é para a senhorita Jane Gove. Esta jovem tem apenas onze anos de idade, mas criou um dos trabalhos mais extraordinários que nossos juízes jamais viram!"

Embora Jane tenha crescido e feito outros tapetes para sua própria família, sempre guardou aquele tapete especial. Ele permaneceu com a família por muito tempo até que, por fim, alguém decidiu que deveria ser visto por outras pessoas. Hoje é considerado uma obra-prima da arte popular americana e está exposto no Museu de História Natural de Los Angeles, Califórnia.

Durante toda a vida, Jane guardou a alegre lembrança da mãe no coração. E nunca esqueceu de sorrir na primavera ao ver as flores desabrocharem nos jardins e campinas. □

O MAPA DO TESOURO

Para fazer um velho mapa do tesouro, você precisará de: papel (papel de embrulho comum, marrom claro, fica ótimo), lápis ou caneta preta, giz de cera e canetas hidrográficas.

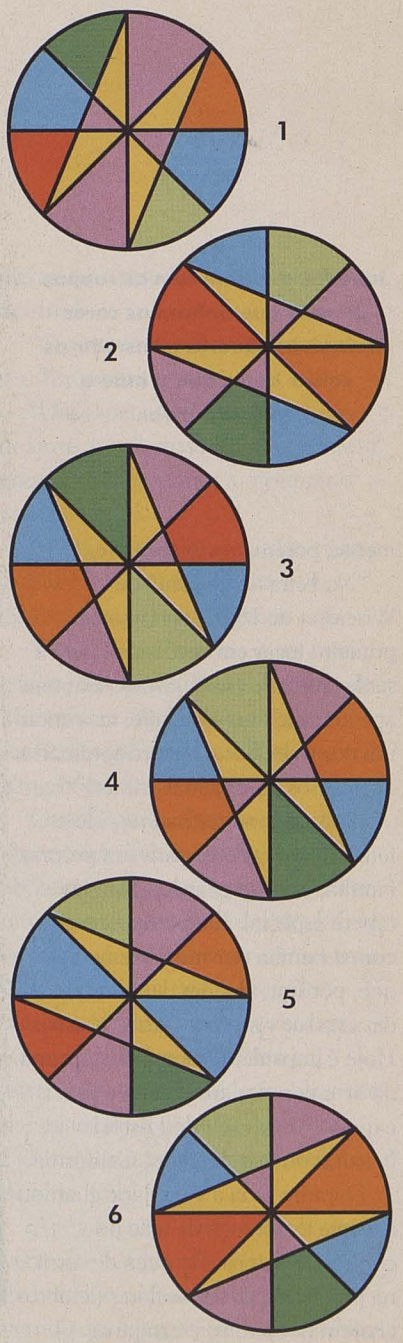
1. Para a noite familiar, esconda no lugar do tesouro o lanche ou um objeto a ser usado durante a aula.
2. Desenhe um mapa no pedaço de papel, mostrando onde o tesouro foi escondido.
3. Faça uma bola de papel, amassando-o bem.
4. Abra o papel cuidadosamente e alise-o.
5. Repita de cinco a sete vezes os itens 3 e 4, até que o papel fique bem velho e gasto.
6. Coloque o papel entre dois livros pesados para que fique bem liso.

ILUSTRAÇÃO DE YVONNE SLATE

CORES IDÊNTICAS

Sophie Wessel

Há dois diagramas coloridos exatamente iguais. Quais são?



Resposta das Cores Idênticas: 2 e 6 são semelhantes

DEVEMOS USAR NOSSOS TALENTOS

"Toda mulher", disse o Presidente Thomas S. Monson, "foi investida por Deus de características individuais, dons e talentos, para que possa cumprir uma missão específica no plano eterno" (*A Liahona*, julho de 1992, p. 108).

Como na parábola que Cristo ensinou, quando desenvolvemos os talentos recebidos do Senhor, ele prontamente nos concede outros. (Vide Mateus 25:15–21.)

PODEMOS DESENVOLVER TALENTOS NA VIDA DIÁRIA

Talvez estejamos encarando as tarefas diárias simplesmente como uma obrigação. Quando, porém, as desempenhamos com amor, prestando serviço ao marido, aos filhos, à família e aos amigos, sentimos alegria e transmitimos essa alegria a outros. Preparar uma refeição saborosa, preparar uma lição, cuidar do jardim, escrever uma carta, incentivar uma amiga ou parente — todos esses esforços são talentos sendo aperfeiçoados.

Deus, então, concede-nos ainda mais, abençoando-nos com novos talentos. Eles geralmente são atributos de caráter. Aprendemos a compreender as necessidades daqueles a quem servimos e a demonstrar paciência, amor, tolerância e generosidade.

A Presidente Elaine Jack fala sobre os talentos da avó. Ela costurava as roupas de todos os filhos, tricotava meias e luvas, ordenhava as vacas, fazia manteiga e a vendia, criava galinhas, patos e perus, era conselheira na Sociedade de Socorro e colhia trigo. "Por mais duro que todo esse trabalho pareça, será que é requerido menos de mim? Não preciso fazer exatamente as mesmas coisas que Vovó Low fazia, mas devo procurar ser tão industriosa, compassiva, econômica e auto-suficiente como ela era. Esta é minha herança".

• *Que talentos você considerou agradável desenvolver?*

PODEMOS DESENVOLVER NOSSOS TALENTOS NOS CHAMADOS DA IGREJA

Toda irmã disposta a aceitar um chamado como líder ou professora nas auxiliares, que vem para a aula bem preparada, que faz um discurso, trabalha com música ou dirige uma atividade, está desenvolvendo talentos. Através dos chamados, aumentamos nossa capacidade de ensinar, tocar um instrumento e envolver as outras irmãs.

ILUSTRAÇÃO DE DOUG BARLO

Recém-chamada como líder de economia doméstica numa ala em Highland Village, no Texas, Margo Merrill enfrentou a tarefa aparentemente impossível de transformar retalhos de tecido em acolchoados para serem doados. Como ela mesma não sabia costurá-los, começou fazendo o que podia: passou os retalhos a ferro, cortou-os e separou-os por cores. Depois levou os pacotes para a reunião de economia doméstica e pediu ajuda às irmãs, que fizeram a combinação das cores, formaram o desenho, costuraram os retalhos e deram o acabamento. As irmãs usaram seus talentos com alegria e o resultado agradou a todas.

Ao desenvolvermos talentos e aceitarmos chamados, adquirimos autoconfiança e sentimos amor ao servirmos de maneiras diferentes. Brigida Acosta de Perez era conselheira na Sociedade de Socorro num pequeno ramo em San Felipe, México, onde algumas irmãs falavam espanhol e outras a língua nativa, o nahuatl. Brigida usou seu talento para traduzir as aulas todas as semanas e descobriu que estava desenvolvendo um novo dom, o de aproximar duas culturas diferentes e de fazer com que as irmãs dedicassem maior amor umas às outras.

Cada uma de nós é única—uma filha de Deus investida de dons que ele deseja que utilizemos para edificar seu reino. Ao desenvolvermos esses talentos, teremos uma vida mais feliz e abençoaremos os outros.

• *Que novos talentos você está desenvolvendo atualmente?* □

DAVID O. McKAY

O VALOR DE UMA ALMA

Leon R. Hartshorn

David O. McKay, o nono presidente da Igreja, era comprometido com a excelência, com a sinceridade, com o valor de cada alma. Seu amor pelo evangelho dava sentido e direção a seus nobres instintos.

Ele viveu durante um importante período da história moderna da Igreja. Quando nasceu, a 8 de setembro de 1873, na fazenda dos pais em Huntsville, Utah, o Presidente da Igreja ainda era Brigham Young. Ao falecer, noventa e seis anos mais tarde, o Presidente McKay conduzira uma Igreja mundial para a segunda metade do século vinte—quando o homem andou na lua.

Durante sua administração, a Igreja cresceu de 1,1 para 2,8 milhões de membros; o número de estacas quase triplicou; o de missões cresceu mais de duas vezes; a força missionária, seis vezes mais; foram dedicados templos na Suíça, Nova Zelândia, Grã-Bretanha e Califórnia, e o evangelho foi levado a mais nações do que em qualquer período anterior.

"DE BOA FAMÍLIA"

O Presidente McKay foi preparado para esse trabalho e essa responsabilidade desde a infância, em Huntsville, onde aprendeu, pelo exemplo dos pais, que na vida de uma pessoa o Senhor e Sua obra devem estar em primeiro lugar. Quando tinha oito anos, suas duas irmãs mais velhas faleceram e, pouco tempo depois, o pai foi chamado para uma missão de dois anos na Escócia. Sister McKay daria à luz uma menina, em dez dias. Os trabalhos na fazenda não podiam parar, a jovem família precisava ser alimentada. Foi um tempo de provação e sacrifício—e David aprendeu muito a respeito de fé e compromisso. Seu pai, ao montar no cavalo para partir, ergueu-o nos braços, deu-lhe um beijo de adeus e disse: "David, tome conta de sua mãe e da família". Daquele dia em diante, David O. McKay desenvolveu um excepcional senso de responsabilidade.

EM BUSCA DE UM TESTEMUNHO

Seus pais o ensinavam bem, mas quando adolescente, na fazenda, David desejava ter seu próprio testemunho da veracidade de Deus e Sua obra.

"Um dia, quando era jovem, estava à procura de umas cabeças de gado

O jovem David O. McKay não recebeu uma resposta imediata ao orar por uma manifestação da veracidade do evangelho restaurado. Mas aprendeu uma grande lição.

ILUSTRAÇÃO DE ROBERT McKAY

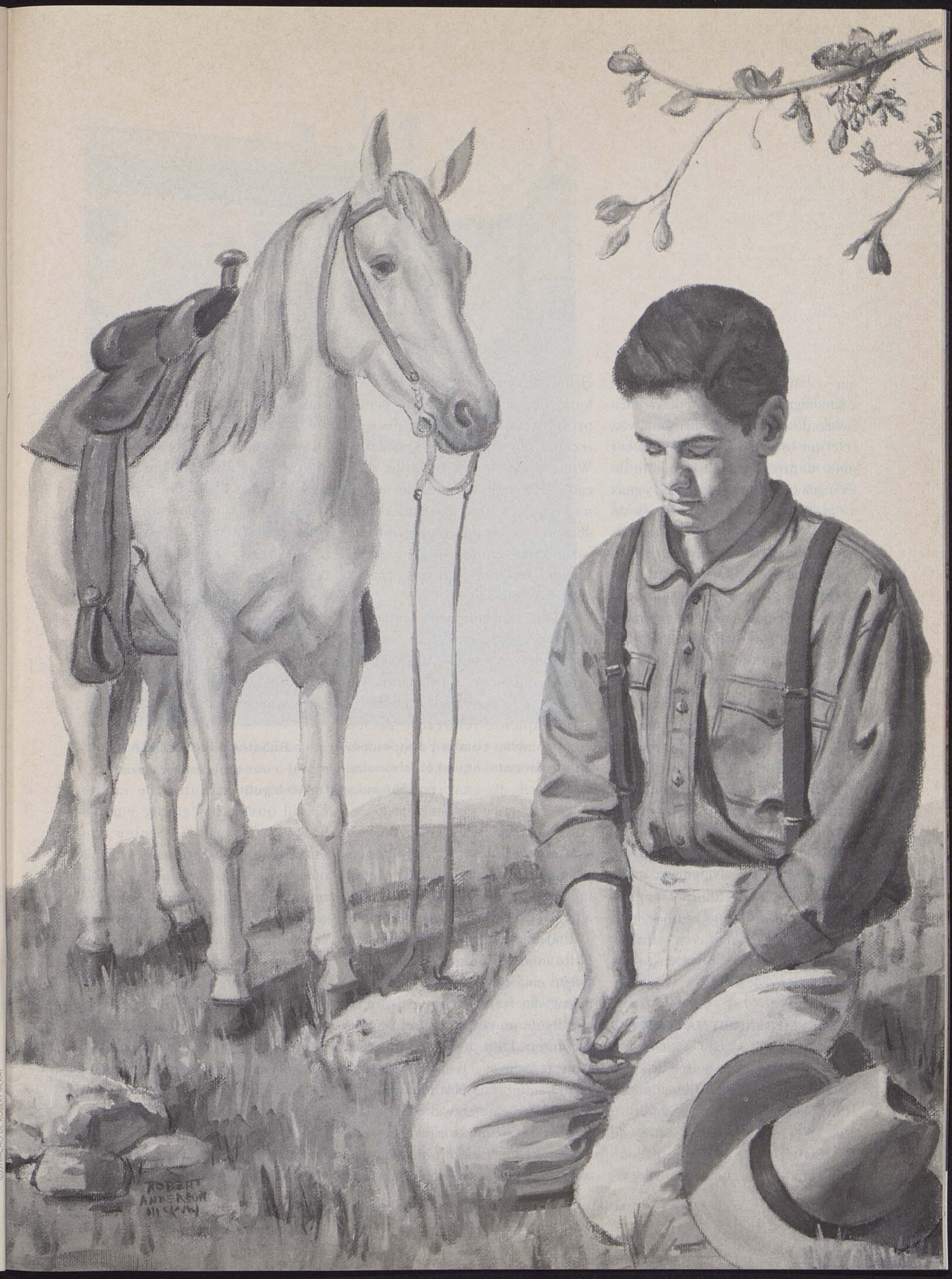


ILUSTRAÇÃO DE ROBERT McKAY

que se haviam perdido. Subindo uma colina íngreme, parei para deixar meu cavalo descansar, e ali, mais uma vez, tive um intenso desejo de receber uma manifestação da verdade do Evangelho Restaurado. Apeei, joguei as rédeas por sobre a cabeça do animal e, sob um arbusto, ajoelhei-me e orei para que Deus me declarasse a veracidade de sua revelação a Joseph Smith. Tenho certeza de que orei fervorosa e sinceramente, e com tanta fé quanta um jovem pode reunir.

Ao término da oração, levantei-me, tomei as rédeas de meu leal pônei e montei. Retomando o caminho, lembro-me de ter dito a mim mesmo: 'Não recebi nenhuma manifestação espiritual. Para ser honesto comigo mesmo, devo dizer que continuo exatamente o mesmo "velho rapaz" de antes de me ajoelhar.'"

Ele aprendera uma grande lição. Um jovem santo dos últimos dias não consegue um testemunho simplesmente pedindo-o ao Senhor, mas combinando o pedido com trabalho, serviço, sacrifício e obediência aos mandamentos de Deus.

UMA MENSAGEM NA PEDRA

David continuou a trabalhar na fazenda e, mais tarde, freqüentou a Universidade de Utah, formando-se em 1897. Durante os anos de universitário jogou futebol, tocou piano em bailes e, no último ano, foi eleito presidente de classe. Perto da formatura, já tinha feito seus planos profissionais, mas bem antes de receber seu diploma, o Presidente Wilford Woodruff enviou-lhe uma carta chamando-o a cumprir missão na Grã-Bretanha. Foi uma difícil decisão — e ele debateu-se com ela, assim como muitos jovens, hoje. Decidiu deixar de lado seus planos e aceitar o chamado.

Não foi fácil enfrentar os primeiros meses de missão na Escócia, onde o pai servira anos antes. Isso também ocorre com muitos missionários. Ele descreve esse período desanimador e a subseqüente renovação de seu compromisso com o Senhor com estas palavras:

"Naquele dia, estava com saudades de casa e um pouco desanimado . . . Acabara de deixar a escola. Amava a escola e os jovens. Amava a juventude. E depois, ir para lá e sentir . . . o preconceito [das pessoas contra a Igreja] deixou-me deprimido.

Enquanto (eu e meu companheiro) voltávamos à cidade, vi à minha direita uma casa inacabada e, sobre a porta da frente, uma inscrição entalhada na pedra. Isso era muito incomum. Disse a Élder Johnston: 'Vou até lá para ver o que diz'. Estava a meio caminho da porta quando li o notável conselho gravado: 'Sejas lá o que fores, faze bem a tua parte'.

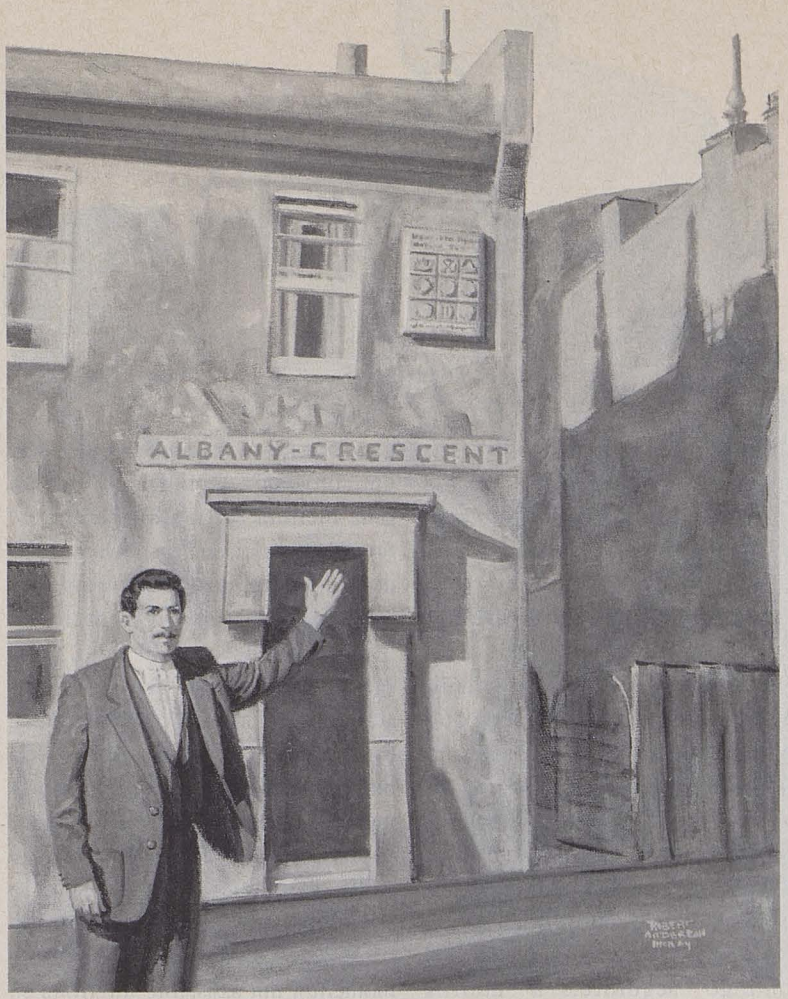
Repeti-a a Élder Johnston, enquanto caminhávamos em direção à cidade para procurar hospedagem antes de iniciarmos nosso trabalho. Íamos calados, mas eu dizia a mim mesmo, ou, quem sabe, o Espírito dentro de mim: 'És membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Mais que isso, estás aqui como representante do Senhor Jesus Cristo. Aceitaste a responsabilidade de representante da Igreja' . . .

Naquela tarde, por volta da hora em que conseguimos alojamento, aceitei a mensagem dada a mim naquela pedra e, daquele momento em diante, procuramos fazer a nossa parte como missionários na Escócia."

BÊNÇÃOS PROFÉTICAS

Aos quatorze anos de idade, David ouvira o seguinte em sua bênção patriarcal: "O Senhor tem um trabalho a ser feito por ti, no qual verás muito do mundo, ajudarás na coligação de Israel dispersa e também trabalharás no ministério. A ti caberá assentar-te em conselho com teus irmãos, presidir o povo e exortar os santos à fidelidade".

Essa profecia foi repetida enquanto ele cumpria missão na Escócia. Durante uma conferência de missionários, o Presidente James L. McMurrin, da Missão Européia, apontou para o jovem Élder McKay e disse: "Digo-te, Irmão David, Satanás te pediu para te cirandar como trigo, porém Deus vela por ti.



Uma máxima entalhada em pedra sobre a porta de uma casa escocesa inspirou o jovem missionário de tempo integral, David O. McKay, em 1897.

Se conservares a fé, ainda te assentarás nos principais conselhos da Igreja". Não se passaram muitos anos para que essas profecias fossem cumpridas.

Nessa conferência, o Élder McKay sentiu "uma rica efusão do Espírito do Senhor". "Foi", recordou ele, "a manifestação pela qual, quando jovem, orara secretamente com todo o fervor nos campos e colinas".

AMOR, HONRA, SERVIÇO

Após retornar da missão na Escócia, David casou-se com sua namorada dos tempos de universidade. Numa manhã fria de janeiro de 1901, ele e Emma Ray Riggs chegaram de charrete ao Templo de Lago Salgado para casarem-se em convênio perante o Senhor. As promessas de amor e honra mantidas entre eles eram tão completas, que por mais de sessenta anos a suíte em que moraram, no Hotel Utah, foi carinhosamente chamada por alguns de suíte nupcial. "Sessenta e nove anos não é de jeito nenhum tempo demais para uma lua-de-mel", eles diziam, "especialmente quando se deseja continuar casado pela eternidade".

Em 1899, David O. McKay trabalhou em Ogden, Utah, como instrutor de uma escola pertencente à Igreja, a Academia Weber, de onde mais tarde se tornou diretor. Na Igreja, serviu como superintendente da Escola Dominical da estaca e, em 1906, com apenas trinta e dois anos de idade, foi chamado para o Quorum dos Doze Apóstolos. Serviu ativamente em vários cargos: superintendente geral da Escola Dominical, comissário de educação da Igreja e presidente da Missão Européia. Com sessenta e um anos, foi chamado como conselheiro do Presidente Heber J. Grant e, mais tarde, ocupou o mesmo cargo com o Presidente George Albert Smith.

Na conferência de abril de 1951, o mesmo ano em que ele e Emma Ray comemoravam o qüinquagésimo aniversário de casamento, David Oman McKay discursou no Tabernáculo, na Praça do Templo, aos ali reunidos; com a idade de setenta e oito anos, foi unanimemente apoiado pelos santos como profeta, vidente e revelador—e Presidente da Igreja.

"Irmãos, Autoridades Gerais", começou ele,"Que Deus nos conserve unidos, ignorando fraquezas que percebemos, mantendo os olhos fitos na glória de Deus e na promoção de sua obra.

E agora falarei aos membros da Igreja. Nós todos precisamos de vosso auxílio, de vossa fé e orações, não de críticas hostis, mas de vossa ajuda. Podeis fazer isso em oração, quando não podeis fazê-lo em pessoa. A potência das preces de toda a Igreja chegou até mim ontem, quando recebi uma carta de um antigo vizinho de minha cidade natal. Ele ordenhava suas vacas no curral, quando o rádio anunciou que o Presidente Smith falecera. Percebendo o que aquilo significava para seu conterrâneo, correu para casa e contou à esposa. Imediatamente eles reuniram os filhos e, naquele humilde lar, suspendendo suas atividades, ajoelharam-se em família e oraram. O significado dessa oração eu deixo a cargo de vossa imaginação. Multiplicai isso por cem mil, duzentos mil, meio milhão de lares, e vede o poder da união, das preces e da influência sustentadora que tem o corpo da Igreja."

ESPÍRITO DE PROGRESSO

A administração do Presidente McKay, como sua vida desde o início, foi repleta de feitos notáveis. Ele e Sister McKay foram de país em país visitar e abençoar tanto membros quanto pessoas de fora da Igreja. Iniciou-se a construção de templos em muitos países, as atividades missionárias expandiram-se, a população da Igreja cresceu. Um grande espírito de progresso pareceu cativar a todos e desenvolveu-se boa vontade para com os santos dos últimos dias.

CUIDADO COM O INDIVÍDUO

Era compromisso do Presidente McKay amar cada pessoa que enlevasse os membros da Igreja. Num domingo, uma classe de jovens da Escola Dominical viajou vários quilômetros para vê-lo, com hora marcada, mas ele teve de ir às pressas ao hospital onde seu irmão, Thomas E. McKay, estava agonizando. No domingo seguinte, a muitos quilômetros de seu escritório, alguém bateu à porta daquela classe da Escola Dominical. Quando o professor abriu a porta, ali estava o Presidente McKay. Fora conhecer os alunos e desculpar-se por ter saído no dia em que eles foram vê-lo.

Depois de explicar por que não estava em seu escritório no dia marcado, ele apertou a mão da professora e de cada uma das crianças e disse: "Quero que saibam que o Presidente da Igreja cumpre seus compromissos, sempre que possível".

Esse grande cuidado com nosso comportamento em relação a *todos* os que nos cercam foi uma das grandes lições ensinadas pelo Presidente McKay. Na viagem à Europa para dedicar os locais dos templos na Suíça e Inglaterra, ele foi cercado por jovens ingleses, ávidos por obter dele um autógrafo. A primeira da fila foi uma menina de aproximadamente nove anos de idade. Ela pediu ao filho do Presidente, que o acompanhava: "Gostaria de ter o autógrafo do Presidente McKay". O filho, pensando que seu pai estava demasiadamente cansado, começou a dissuadi-la. O Presidente, porém, ouvindo a conversa, virou-se para a menina e, brincando, perguntou: "Acha que sei escrever com clareza suficiente para você ler?". Ela não sabia se o Presidente estava falando sério e ficou confusa. Naquele momento, um assistente interrompeu com uma pergunta premente e seguiram-se alguns minutos de conversa. Quando ele se voltou novamente para falar com a menina, ela havia desaparecido.

"Nunca vi meu pai mais contrariado", disse o filho. "Por favor, encontrem aquela menina com vestido azul", pediu o Presidente. "Tenho certeza de que ela teve a impressão de que eu não queria assinar seu livro. Ela me interpretou mal. Precisam achá-la." Em pouco tempo, presidentes de ramo e de missão procuravam a menina de azul. A busca, porém, foi inútil. Finalmente, um missionário descobriu quem era a menina. Naquela noite, ele ligou para o Presidente e recebeu estas instruções: "Diga-lhe que sinto muito por não ter podido

O Presidente McKay apertou a mão de cada uma das crianças da classe da Escola Dominical e disse: "Quero que saibam que o Presidente da Igreja cumpre seus compromissos, sempre que possível"

falar com ela e que pedi ao presidente do ramo que me envie seu livro para Lago Salgado; eu o autografarei e mandarei diretamente de volta para ela". E foi o que aconteceu!

CADA SER VIVO

O valor de uma alma! O Presidente McKay sentia que cada ser vivo merecia ser respeitado e bem tratado. Mesmo animais e pássaros. Freqüentemente voltava a sua fazenda em Huntsville para visitar e andar a cavalo. Uma vez, alguém invadiu a fazenda e roubou as selas do Presidente. Depois de compradas selas novas, o depósito onde eram guardadas, passou a ser trancado à chave. Um dia, as irmãs do Presidente McKay pararam na fazenda para verificar se tudo estava bem e, ao verem uma das janelas do depósito aberta, fecharam-na para evitar um segundo roubo. Quando comentaram isso com o Presidente, ele gentilmente disse: "Deixei a janela aberta de propósito, porque há um ninho de passarinho lá dentro e aquela é a única entrada pela qual os pássaros podem levar alimento para os filhotes. Acho que tenho o tempo exato para dar um pulo até lá". Ele foi, abriu a janela e, ao retornar, disse amigavelmente: "Foi exatamente como eu imaginara—um passarinho estava fora tentando entrar, e a mãe estava dentro tentando sair".

No tempo em que era membro do Conselho dos Doze, Élder McKay tinha um porco grande chamado César. Um domingo de manhã, César escapou do cercado. Sem tempo para consertar a cerca antes de embarcar num trem, Élder McKay colocou-o no galinheiro, mas esqueceu-se de dizê-lo aos filhos. Naquela noite, às duas horas aproximadamente, a família McKay acordou com o incessante tocar do telefone. Era um telegrama por telefone. Receosos de que se tratasse de uma trágica notícia, ouviram a mensagem: "César no galinheiro. Dêem-lhe água".

"HOJE EU ENCONTREI UM PROFETA"

O porte, a nobreza e a dignidade do Presidente McKay, e seu amor pelo Salvador, eram evidenciados em cada palavra que proferia e em tudo o que fazia. O que se tornara, por causa de seu compromisso com o Senhor, porém, era evidente mesmo quando se sentava tranqüilamente sem dizer nada. O seguinte incidente é contado por um homem que conheceu o Presidente quando voltava de uma de

suas visitas à Europa:

"Lembro-me de estar em Nova York quando o Presidente McKay voltou da Europa. Haviam feito arranjos para que se tirassem fotografias, mas o fotógrafo habitual não pôde ir, e assim, em desespero de causa, a United Press mandou seu fotógrafo policial—homem acostumado ao mais duro tipo de trabalho em Nova York. Ele foi para o aeroporto, demorou-se ali por duas horas e, posteriormente, saiu da câmara escura com uma pilha enorme de fotos. Ele devia tirar apenas duas. Seu chefe imediatamente o censurou: 'O que pensa que está fazendo, desperdiçando tanto tempo e todo esse material fotográfico?'.

O fotógrafo respondeu abruptamente, dizendo que teria prazer em pagar todo o material extra e que poderiam até descontar-lhe do salário o tempo a mais. Era óbvio que estava muito perturbado. Horas mais tarde, o vice-presidente chamou-o ao escritório, querendo saber o que acontecera. O fotógrafo, então, declarou: 'Quando era menino, minha mãe costumava ler para mim o Velho Testamento, e durante toda a vida imaginei qual seria a aparência de um profeta de Deus. Bem, hoje encontrei um.'"

David O. McKay foi um profeta que via o bem em todo mundo e que se importava verdadeiramente com as pessoas. □

DESTAQUES DA VIDA DE DAVID O. McKAY, 1873–1970

Data	Idade	Evento
1873	—	8 de setembro: nasce em Huntsville, Utah.
1877	4	Presidente Brigham Young falece.
1897	24	Forma-se na Universidade de Utah.
1897–99	24–26	Cumpre missão na Escócia.
1899	26	Começa a lecionar na Academia Weber.
1901	27	Casa-se com Emma Ray Riggs.
1906	32	É chamado para o Quorum dos Doze Apóstolos.
1918–34	45–61	Serve como superintendente geral da Escola Dominical.
1919–21	46–48	Serve como comissário de educação da Igreja.
1920–21	47–48	Visita missões em todo o mundo.
1922–24	49–51	Serve como presidente da Missão Européia.
1934–51	61–78	Serve como Segundo Conselheiro na Primeira Presidência.
1951	78	É apoiado Presidente da Igreja.
1955	82	Dedica o Templo da Suíça.
1956	83	Dedica o Templo de Los Angeles Califórnia.
1958	85	Dedica o Templo da Nova Zelândia, a Faculdade da Igreja da Nova Zelândia, o Templo de Londres e a Faculdade da Igreja no Havaí.
1961	88	Apresenta o programa de correlação da Igreja.
1964	91	Dedica o Templo de Oakland Califórnia.
1970	96	18 de janeiro: falece em Lago Salgado, Utah.

FONTES

1. James B. Allen, "David O. McKay," em *The Presidents of the Church*, publicado por Leonard J. Arrington, Salt Lake City: Deseret Book Company, 1986.
2. James B. Allen, "David O. McKay," *Encyclopedia of Mormonism*, New York: Macmillan Publishing Company, 1992.
3. "David O. McKay," em *Meu Reino Avançará*, Cidade do Lago Salgado: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1980.

FOTOGRAFIA DE JED CLAR

FOTOGRAFIA DE JED CLAR

EU ESPERAVA MILAGRES

Tara Pearson

Às vezes, gosto de tornar as coisas maiores do que realmente são. Gosto de pensar que minha vida é mais estimulante e que algum evento dramático e espetacular vai acontecer, mudando tudo.

Talvez por isso fosse sempre frustrante orar e não ter aquele sentimento cálido e grandioso nem visões. Acreditava que o evangelho era verdadeiro porque praticamente todas as pessoas que eu conhecia diziam isso. Minha vida girava em torno da Igreja. Como poderia não ser verdadeira? Eu, porém, queria *sentir* alguma coisa. Não seria nada decepcionante ouvir uma voz vinda do além, dizendo: "A Igreja é, sem dúvida, verdadeira". Acho que esperava milagres do evangelho. Com os olhos cheios de lágrimas, orava ao Pai Celestial, mas nada acontecia.

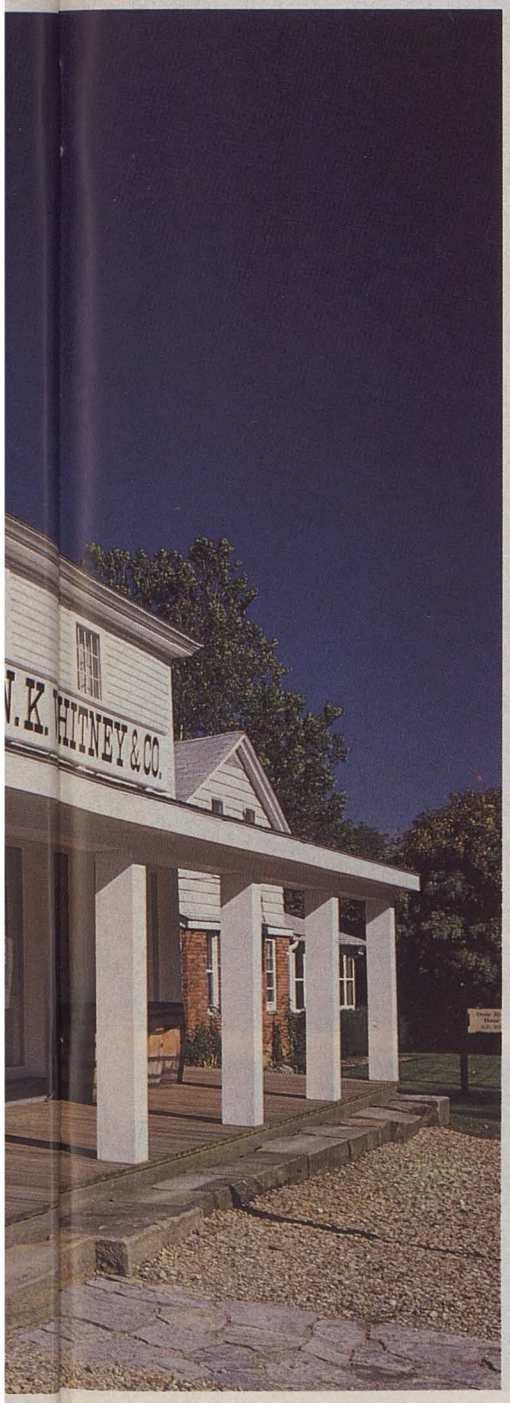
Então, certa noite, senti uma repentina necessidade de ler as escrituras. Ao ler Mosiah, uma felicidade crescente queimou dentro de mim. Relatava o modo como, após ouvir as palavras do rei Benjamim, o povo foi dominado pelo Espírito do Senhor, o qual "efetuou em nós, ou em nossos corações, uma grande mudança, de modo que não temos mais vontade de praticar o mal, mas de fazer o bem continuamente" (Mosiah 5:2).

O Espírito é exatamente isso, pensei—o sentimento de amor quando escolhemos o certo, a calorosa reafirmação de continuar fazendo boas escolhas. Eu o sentira o tempo todo, mas não o reconhecera. Sei que o Pai Celestial nos ouve. Apesar de às vezes não reconhecermos as respostas até as entendermos, ele realmente responde às orações. □

CASA DE R

FOTOGRAFIA DE WELDEN ANDERSEN

REVELAÇÃO



Citada como a "casa de Deus" em Doutrina e Convênios 88, a loja de Newel K. Whitney, em Kirtland, Ohio, foi cenário de visões sagradas e dezessete revelações registradas por Joseph Smith em Doutrina e Convênios.

JOSEPH SMITH, DE DOUG FRYER

A vida da Igreja em Kirtland, Ohio, de 1831 a 1834, girava em torno da loja de Newel K. Whitney. Durante dezoito meses, ela serviu como sede da Igreja e foi lá que a Primeira Presidência recebeu as chaves do reino. (Vide D&C 90:6; *History of the Church*, 1:334.) Joseph Smith e sua família também moraram lá por dezoito meses. Durante esse período, o Profeta finalizou seu trabalho da Versão Inspirada da Bíblia.

Além disso, alguns dos eventos mais sagrados da história da Igreja ocorreram numa sala do andar superior, em uma conferência realizada em 23 de janeiro de 1833. Também, a ordenança do lava-pés foi ali realizada pela primeira vez nesta dispensação. (Vide *History of the Church*, 1:323–24. Vide também D&C 88: 138–141.) Muitos dos que estavam ali presenciaram "manifestações divinas do Espírito Santo", incluindo uma visão de Deus, o Pai, e seu filho Jesus Cristo.

Recentemente, em 18 de novembro de 1988, as autoridades da Igreja receberam o Prêmio de Preservação Histórica concedido pelo Presidente dos Estados Unidos, numa cerimônia na Casa Branca em Washington, D.C., em reconhecimento pelo excelente trabalho de restauração desse edifício.

"ÉS O HOMEM!"

No livro *History of the Church* (N. do T. História da Igreja), o Élder B.

ILUSTRAÇÃO DE PAUL MANN

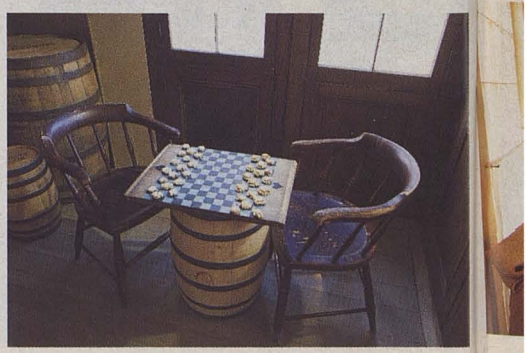
H. Roberts cita o seguinte trecho da história da família Whitney:

"'Lá pelo primeiro dia de fevereiro de 1831, uma carruagem com quatro pessoas passou pelas ruas de Kirtland, parando em frente à loja de Gilbert e Whitney. Um dos homens, uma figura jovem de porte atlético, desceu da carruagem e subiu correndo a escada, entrando na loja onde estava o sócio minoritário. "Newel K. Whitney! És o homem!" exclamou ele, estendendo cordialmente a mão, como se fossem velhos conhecidos. "Perdão, mas quem é o cavalheiro?", perguntou o negociante, ao estender mecanicamente a mão. "Não posso chamá-lo pelo nome, como fez comigo." "Sou Joseph, o Profeta", disse o estranho, sorrindo. "Orou para que eu viesse para cá, e agora, o que deseja de mim?"' Diz-se que o Profeta, enquanto estava no Leste, havia tido uma visão dos Whitney, orando por sua chegada a Kirtland. 'Mãe Whitney', (Elizabeth Ann, esposa de Newel) também conta que uma certa noite, antes de isso acontecer . . . , quando ela e o marido oravam ao Senhor para saber como poderiam receber o dom do Espírito Santo, que era o que mais desejavam, tiveram uma visão, como se uma nuvem de glória pairasse sobre a casa, e ouviram uma voz dos céus dizendo: 'Preparai-vos para receber a palavra do Senhor, pois está a caminho'" (*History of the Church*, 1:146).

A CONVERSÃO DE ORSON HYDE

O Élder Orson Hyde, que se tornou membro do Quorum dos Doze Apóstolos, escreveu:

"Compareci à reunião dos santos em Kirtland, no domingo, 30 de outubro de 1831, e ofereci-me para ser batizado, o que aconteceu pelas mãos do élder Sidney Rigdon; no mesmo dia, Joseph Smith, o Profeta, e Sidney Rigdon me confirmaram e me ordenaram élder. Apenas três dias mais tarde recebi evidência da aprovação divina com referência à decisão que havia tomado. Certa noite, atrás do balcão, fui tocado pelo Espírito do Senhor de maneira tão poderosa, que não senti vontade de atender a mais ninguém e retirei-me para usufruir o banquete sozinho. Foram momentos preciosos, dos quais sempre me lembrarei" (*Millennial Star*, 26 [1864]: 761).



Acima: *Nesta sala, a parte principal da loja, Joseph Smith e Newel K. Whitney encontraram-se pela primeira vez. Uma agência do correio e uma cooperativa também funcionavam aqui. E foi aqui que um balconista, Orson Hyde (que mais tarde se tornou membro do Quorum dos Doze Apóstolos), obteve o testemunho do evangelho.* Extrema esquerda: *Um jogo de damas, colocado no canto da loja.* Esquerda: *O quarto do empregado da loja.*

A NECESSIDADE DA PALAVRA DE SABEDORIA

O Presidente Brigham Young recordou:

"Sobre (a) cozinha ficava a sala na qual o Profeta recebia revelações e instruía os irmãos, (Escola de Profetas) que viajavam centenas de quilômetros para freqüentar a escola numa salinha provavelmente de 3,30 por 4,20m. Quando se reuniam nessa sala depois do desjejum, a primeira coisa que faziam era acender os cachimbos, e, enquanto fumavam, falar sobre as coisas maravilhosas do reino e cuspir no chão; tão logo o cachimbo era tirado da boca, um bom pedaço de tabaco tomava o seu lugar. Muitas vezes, quando o Profeta entrava na sala para dar instruções, via-se em meio a uma nuvem de fumaça. Isto, mais as queixas de sua mulher, por ter que limpar um chão tão sujo, fez com que Joseph pensasse no assunto e perguntasse ao Senhor qual deveria ser a conduta dos élderes em relação ao tabaco. A revelação conhecida como Palavra de Sabedoria foi o resultado" (Brigham Young em *Journal of Discourses* 12:158, vide também Manual Básico da Mulher SUD, Parte B, p. 34).

O irmão Zebedee Coltrin acrescenta o seguinte a essa história: "Quando o Profeta Joseph Smith apresentou pela primeira vez a Palavra de Sabedoria (D&C 89) . . . dentre as vinte e uma pessoas que estavam ali, as vinte que eram fumantes imediatamente jogaram o tabaco e os cachimbos no fogo" (minutas, Salt Lake City School of Prophets, 3 de outubro de 1883, p. 56).

VISÕES DO PAI E DO FILHO

Zebedee Coltrin relata a seguinte experiência sagrada: "Em uma dessas reuniões, após a organização da escola, (ela havia sido organizada em 23 de janeiro de 1833), quando estávamos todos reunidos depois de Joseph ter dado instruções, e orando em silêncio, ajoelhados, com as mãos levantadas, não fazendo nenhum ruído além de nossa própria respiração, um personagem atravessou a sala, de leste para oeste, e Joseph nos perguntou se o havíamos visto. Eu o vi e imagino que os outros também o tenham visto, e Joseph disse que era Jesus, o Filho de Deus, nosso irmão mais velho. Posteriormente, Joseph pediu que retomássemos a mesma posição em oração, o que foi feito. Outra pessoa apareceu; estava cercado como que por uma chama de fogo . . . O Profeta Joseph disse que era o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Eu o vi" (minutas, Salt Lake City School of Prophets, 3 de outubro de 1883, pp. 56–57).

Esse acontecimento foi confirmado por John Murdock, companheiro de missão de Zebedee Coltrin na época, e

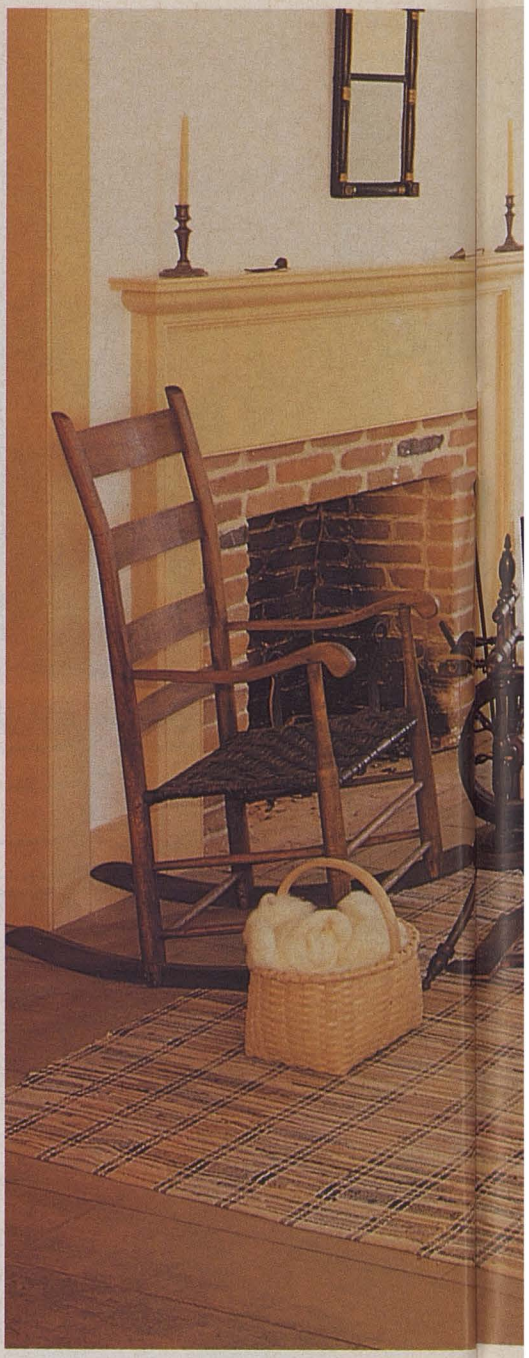
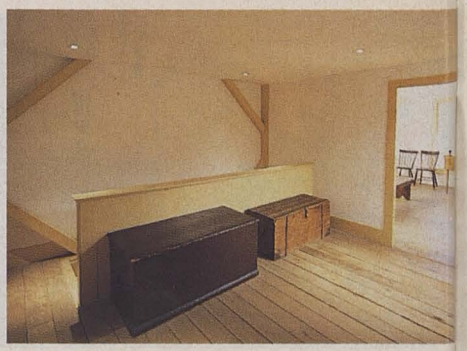


ILUSTRAÇÃO DE DALE KILBOURN

Dezessete revelações foram recebidas na Sala de Tradução (acima), *de março de 1832 a dezembro de 1833: seções 78, 84–98 e 101 de Doutrina e Convênios. Também foi aqui que o Profeta terminou seu trabalho da Versão Inspirada da Bíblia* (extrema esquerda). Esquerda: *A cozinha tem cerca de três metros por quatro, com várias despensas. Emma, esposa do Profeta Joseph, alimentou muita gente aqui, inclusive membros da Escola dos Profetas.*

Entre dezembro de 1832 e junho de 1833, os Irmãos realizaram pelo menos dezoito reuniões e conferências na Sala da Escola dos Profetas (acima). *A natureza das manifestações que ocorreram nesta sala, incluindo a visitação de 23 de janeiro de 1833, emprestou à sala a santidade de um templo. "Eis que na verdade vos digo, isto é um exemplo da saudação com a qual vos saudareis uns aos outros na casa de Deus, na escola dos profetas" (D&C 88:136).* Esquerda: *A plataforma entre os lances da escada (canto inferior à esquerda) e a Sala da Escola dos Profetas (à direita)*



também presente: "Em uma dessas reuniões, o Profeta nos disse: 'Se nos humilharmos diante de Deus e exercermos fé poderosa, veremos a face do Senhor'. E, cerca do meio-dia, as visões de minha mente foram abertas, e os olhos de meu entendimento se iluminaram, e vi a forma de um homem, extremamente belo, sendo o seu semblante perfeito e claro como o sol. Seu cabelo, de um cinza prateado brilhante, caía ondulado de maneira majestosa; seus olhos eram de um azul intenso e penetrante, e a pele de seu pescoço da mais bela alvura, sendo que estava coberto, do pescoço até os pés, com uma túnica solta da mais pura brancura: mais branca do que qualquer túnica que já tenha visto antes. A expressão de seu rosto era extremamente penetrante e, no entanto, encantadora. E, enquanto eu me esforçava por compreender a personagem inteira, dos pés à cabeça, ela me escapou, e a visão encerrou-se. Mas deixou-me na mente, durante meses, uma impressão de amor que nunca sentira antes com aquela intensidade". (Extraído do diário de John Murdock; vide A *Liahona*, outubro de 1977, p. 30).

AS CHAVES DO REINO

O Profeta Joseph Smith registrou que em 18 de março de 1833,

"O Élder Rigdon expressou o desejo de que ele e o irmão Frederick G. Williams fossem ordenados para os ofícios a que haviam sido chamados, ou seja, o de presidentes do sumo sacerdócio, a fim de estarem em igualdade de condições, quanto às chaves do reino, com Joseph Smith Junior, de acordo com a revelação do dia 8 de março de 1833. Assim, impus as mãos sobre a cabeça dos irmãos Sidney e Frederick, ordenando-os a participar, juntamente comigo, da posse das chaves desta última dispensação, e auxiliar na presidência do sumo sacerdócio, como meus conselheiros: depois exortei os irmãos a guardarem os mandamentos de Deus com fidelidade e diligência e dei muitas instruções para o benefício dos santos, com a promessa de que os puros de coração teriam uma visão celestial; depois de permanecer algum tempo em oração secreta, a promessa cumpriu-se, pois muitos dos presentes tiveram os olhos abertos pelo espírito de Deus e contemplaram muitas coisas. Abençoei, então, o pão e o vinho, e distribuí uma porção a cada um. Muitos dos irmãos tiveram uma visão celestial do Salvador e da afluência de anjos e muitas outras coisas, das quais cada um tem registro do que viu" (*History of the Church*, 1:334–35; Vide Suplemento do Manual do Professor de Doutrina do Evangelho, curso de Doutrina e Convênios, lição 35). □

Joseph Smith III nasceu neste quarto, no dia 6 de novembro de 1832. Ele foi o quarto dos nove filhos que Joseph e Emma tiveram, mas o primeiro que chegou à idade adulta. Nessa época, os Smith também tinham gêmeos adotados. Um deles faleceu em março de 1832.

O LIVRO RESGATADO

Cristina Antonio

Em outubro de 1984, eu trabalhava como supervisora de controle de qualidade em uma fábrica de papel em Orani, Bataan, Filipinas. Como a maioria das fábricas de papel, a nossa reciclava papel usado. Um dia o livro *Conheça os Mórmons* estava em um carregamento de material. Curiosa, peguei o livro, levei-o ao meu escritório e comecei a lê-lo. Fiquei sabendo a respeito de Joseph Smith e sua visão, e prontamente aceitei que Deus se revelaria a um menino. Não entendi a seção que tratava da hierarquia do sacerdócio, mas gostei da Sociedade de Socorro. Li o livro várias vezes.

Por muitos meses, eu estivera tentando encontrar mais sentido para a vida. Sempre fora católica praticante, e já freqüentara reuniões para me tornar uma freira franciscana. Ainda assim, sentia-me uma tábua no oceano ao sabor da correnteza.

Duas semanas mais tarde, inspecionava material bruto em um dos caminhões de entrega, quando vi um livro azul. Era o Livro de Mórmon! Pedi-o ao motorista. Levei-o ao meu escritório e comecei a ler. No lado de dentro da capa estavam descritos os passos da oração. "Talvez seja bom tentar orar desta maneira", disse a mim mesma. Havia, também, uma lista das páginas que tratavam da visita de Cristo à América. Folheei aquelas páginas avidamente. Ali estavam as bem-aventuranças e outros ensinamentos de Jesus para os judeus! Não seriam aqueles capítulos copiados do Novo Testamento? Então percebi que se tratava exatamente do mesmo Cristo. Certamente ele transmitiria os mesmos ensinamentos. Imaginei se Cristo teria vindo às Filipinas também. Fui para Primeiro Néfi. Quem eram Néfi, Léhi e Lamã? Eram nomes tão estranhos. Entesourava esses dois livros.

Então, no final de novembro, um amigo apresentou-me Karen Gerdes, um membro da Igreja mórmon, dos Estados Unidos, que estava servindo como voluntária do Corpo da Paz nas Filipinas. Karen estava trabalhando na área de Pantalan Luma, que fora atingida por um maremoto.

Havia algo nela que eu não

FOTOGRAFIA DE RAFAEL RABAJA, OSUMO

FOTOGRAFIA DE RAFAEL RABAI B. OSUMO

notara em outras pessoas. Não era somente porque seus olhos eram azuis. Seu sorriso e todo o seu semblante eram diferentes. Podia sentir sua sinceridade. Ela irradiava felicidade e amor.

Imaginei por que ela deixaria o conforto de sua casa, moraria numa região pobre, num clima quente e úmido, e comeria comida estranha —tudo sem um salário. Por que ela se importava? Eram todos os mórmons iguais a ela?

Alguns meses depois de conhecer Karen, disse-lhe: "Estou envergonhada porque eu deveria estar ajudando meu povo". Ofereci-me para ajudá-la em seus projetos. Assim começou nossa amizade. Fazia-lhe perguntas sobre religião. Sabia que Karen me entendia, pois também fora católica. Não tentou convencer-me, mas respondia às perguntas e deu-me folhetos da Igreja.

Então, em março de 1985, ela convidou-me para um serão. Lá, reparei num cartaz sobre batismo pelos mortos. Aquilo era novo para mim. Guardei na memória a referência da escritura no cartaz. As missionárias passaram um filme, *Run and Not Be Weary* (N. T. *Correr e Não se Cansar*, não disponível em português.) Aceitei a Palavra de Sabedoria naquela mesma hora. Depois, apresentaram *Janelas do Céu*. Eu nunca soubera que dízimo significava dez por cento. Resolvi começar a dar os dez por cento e não ser mais desonesta com Deus.

Peguei-me explicando aos membros como eu via o dízimo: "É como numa pescaria. Usamos a isca—o dízimo— e pegamos um peixe — a bênção". Depois, usei outra comparação: "Quando removemos os talos do pé de batata-doce, eles produzem mais talos e mais batatas-doces também".

Não gostava, contudo, de ser chamada de "pesquisadora", nem de ser pressionada. Quando os membros me perguntaram se eu gostaria que os missionários me ensinassem em casa eu disse que não, mas convidei as missionárias para jantarem em casa no sábado seguinte. Elas vieram e trouxeram slides de um campo de refugiados onde trabalharam, mas não falamos nada de religião. Antes de saírem, deram-me vários folhetos que prometi ler.

Na semana seguinte, fui visitar minha mãe em Manila. Perguntei-lhe onde poderia encontrar um padre que pudesse responder às minhas perguntas. Sugeriu-me que fosse a um curso bíblico que meu irmão e minha irmã estavam freqüentando. Fiz isso, com uma oração no coração por uma oportunidade de fazer minha pergunta. Para minha surpresa, o padre iniciou explicando a importância do batismo. Não perdi tempo, levantei a mão e perguntei: "Havia batismo pelos mortos, como afirma I Coríntios 15:29?" Ele leu o versículo em voz alta, depois olhou para o relógio, dispensou a classe e me disse: "Falaremos em minha sala". Ele pegou sua tradução grega da Bíblia e outros livros e começou a explicar-me a ressurreição. Eu disse: "Esse não é o tema, eu acredito na ressurreição". Depois de mais de duas horas de conversa, eu ainda não estava satisfeita. Ele me emprestou dois livros.

No dia seguinte, fiz a mesma pergunta a um padre mais velho. Ele me disse que batismo pelos mortos não era mais necessário.

Em primeiro de abril, a fábrica de papel fechou temporariamente. Eu estava lendo um folheto chamado *O Plano de Salvação*, quando comecei a ter certeza de que o que lia era verdade. O Espírito Santo estava testificando, deixando tudo bem claro para mim. Sabia que Joseph Smith fora um profeta, que a Igreja era verdadeira. Chorei. Encontrara algo muito precioso. Tive vontade de contar a meus colegas de trabalho, mas eles não entenderiam. Fui para casa mais cedo e lá encontrei Karen. "Sei que o Plano de Salvação é verdadeiro", disse a ela, "e quero ser batizada". Ela pediu aos missionários que me ensinassem. No dia seguinte, recebi a primeira palestra dos élderes Johnson e Barangan. Desejava fortemente ser batizada e no dia seguinte bem cedo fui à casa deles. Quando lhes contei

Karen Gerdes, *à esquerda*, e Cristina Antonio no Templo de Manila Filipinas, em 1985. Convertida à Igreja, Karen foi de grande ajuda a Cristina na busca da verdade.

meu desejo, Élder Johnson me disse que para ser batizada teria que respeitar a Palavra de Sabedoria e freqüentar a Igreja. "Comecei a respeitar a Palavra de Sabedoria quando assisti ao filme e já fui à Igreja várias vezes", disse eu. Ensinaram-me mais três palestras. Assim, no domingo de Páscoa, sete de abril de 1985, fui batizada. Senti que aquele era o momento que esperara desde o nascimento.

Aquele dia era também domingo de jejum. Jejuei, prestei testemunho na reunião sacramental e paguei o dízimo pela primeira vez. Depois de prestar testemunho, tive uma convicção maior de que tinha tomado a decisão certa. Sentia-me completa—não mais ao sabor da correnteza, e sim com direção determinada. Sei que o Espírito me prestou testemunho.

Depois do batismo, já cumpri missão e sou oficiante no Templo de Manila Filipinas.

Sou muito abençoada por ter aceitado o evangelho. Sei que o Livro de Mórmon que salvei do lixo foi o livro que me salvou. □

AME A SI MESMO!

George I. Cannon
Ex-membro dos Setenta

Como se imagina? Gostaria de sentir-se bem sobre o que vê? Então, isto é o que deve fazer.

Quando eu era presidente de missão, uma de minhas responsabilidades era entrevistar missionários e missionárias que haviam terminado a missão e retornavam ao lar. Sempre lhes perguntava o que levavam para casa como resultado de seu trabalho como missionários. Não me referia ao que levavam nas malas; referia-me ao que havia dentro deles.

Um élder disse: "Volto para casa gostando de mim mesmo".

"O que quer dizer com isto?" perguntei-lhe.

Ele respondeu: "Toda minha vida quis ser uma outra pessoa. Sentia sempre inveja do rapaz no ginásio que era popular com as meninas. Queria ser ele. Tinha inveja do rapaz que tinha o carro esporte vermelho. Queria ser ele. Queria ser o atacante da equipe de futebol da escola.

Então quando cheguei ao campo missionário, tive o mesmo problema. Queria ser o assistente do presidente ou o élder que sempre citava a escritura certa no momento certo. Estava sempre querendo ser outra pessoa".

"QUEM SOU EU"

"No entanto, depois destes dois anos, descobri quem sou realmente. Sou um filho de Deus. Tenho um bom relacionamento com o Salvador e com o próximo. Amo meus pais e minha família. Percebo que tenho talentos que posso desenvolver e compartilhar e que outras pessoas têm talentos. Sou grato pelo que recebi. Não sinto mais inveja das coisas que outros têm e eu não posso ter. Volto para casa sentindo-me bem a meu respeito."

Também me senti bem quanto a esse élder e o que levava consigo. Como fiquei feliz por ele ter aprendido a gostar de si mesmo e ter tornado esse sentimento parte de sua filosofia de vida.

Tem sido uma alegria, ao longo dos anos, ver como esse jovem amadureceu e se desenvolveu ao dar de si mesmo e compartilhar os talentos com outros.

O Salvador disse: "Pois nem a todos são dados todos os dons; pois há muitos dons, e a cada homem é dado um dom pelo Espírito de Deus. A alguns é dado um, a outros outro, para que todos sejam assim beneficiados" (D&C 46:11–12).

SEJA VOCÊ MESMO

Jules Feifer escreveu o artigo "Seja Você Mesmo":

"Desde criança não queria ser eu mesmo. Queria ser Billie Widdledon, e Billie Widdledon nem mesmo gostava de mim. Comecei a andar como ele—falar como ele— matriculei-me na escola secundária em que ele se matriculara.

Foi aí que Widdledon mudou. Começou a sair com o Herby Vandeman. Ele me confundiu todo!

FOTOGRAFIA DE MELANIE SHANAWAY, ILUSTRAÇÃO DE RICK GRAHAM. A FOTOGRAFIA É BASEADA EM UMA ILUSTRAÇÃO DE NORMAN ROCKWELL.

FOTOGRAFIA DE MELANIE SHUMWAY. ILUSTRAÇÃO DE RICK GRAHAM. A FOTOGRAFIA É BASEADA EM UMA ILUSTRAÇÃO DE NORMAN ROCKWELL

Comecei a andar e a falar como Billie Widdledon, que andava e falava como Herby Vandeman.

Foi então que caí em mim e percebi que Herby Vandeman andava e falava como Joey Haverlin . . . E Joey Haverlin andava e falava como Corky Sabison. E cá estava eu, andando e falando como a imitação que Billie Widdledon fazia de Herby Vanderman que, por sua vez, era uma versão de Joey Haverlin, que tentava falar e andar como Corky Sabison!

E sabe como quem Corky Sabison andava e falava? De todos os sujeitos no mundo—ele imitava Dopey Willington—aquele pestinha que anda e fala como eu!"

IRMÃOS

Eu tenho um irmão mais novo, Stan. Ele é formado em engenharia e conserta e constrói qualquer coisa.

Quando fiz um teste vocacional na faculdade para ter uma idéia de minhas aptidões, a pessoa que aplicou o teste disse: "Uma área que você não deve seguir é a engenharia". Ele tinha razão. Não possuo nenhuma habilidade nesta área. Quando tento consertar nosso encanamento preciso chamar o encanador para corrigir todos os erros que cometi.

Sou muito grato a meu irmão e o amo, mas não o invejo. Certa vez alguém disse: "Uma abelha pode não ser uma águia, mas certamente pode produzir mel".

POLEGARES

É importante que sejamos nós mesmos e gostemos do que somos. Sempre que falo aos jovens da Igreja, peço-lhes que olhem para seus polegares. E, pergunto-lhes o que há de diferente neles. Finalmente respondem que o dedão que têm é único.

Ninguém, que vive ou viverá na terra, jamais terá um dedão exatamente igual ao seu. Olhe para seu dedão por um momento. Isso não lhe diz o quanto você é importante e como faz a diferença? Se, em algum momento, ficar desanimado ou tiver pena de si mesmo, dê uma boa olhada em seu dedão, e diga: "Sou especial. Ninguém mais tem o meu polegar, e ninguém jamais o terá".

MELHOR DO QUE VOCÊ MESMO

Uma missionária maravilhosa, convertida em seu país, a França, costumava deixar mensagens em minha mesa para me animar. Certo dia achei a seguinte mensagem:

"Não há nada de nobre em ser superior a outro homem. A verdadeira nobreza consiste em ser superior ao seu eu anterior."

O Presidente David O. McKay, em um de seus últimos discursos de conferência, aconselhou a juventude da Igreja:

"Nosso corpo não cumprirá seu propósito—não poderá—sem aquilo que lhe dá a vida que é a progênie da Deidade, tão eterna quanto o Pai Celestial . . . Aquele espírito dentro de você, jovem, é o seu verdadeiro eu. O que faz de si mesmo depende exclusivamente de você" (Conferência Geral, abril de 1967).

O Dr. Albert Schweitzer disse: "A não ser que dedique uma parte da vida para auxiliar e servir os menos afortunados, sua vida não será completamente feliz".

O Salvador disse que se nos perdêssemos a serviço do próximo, nos encontraríamos. Essa é a melhor maneira de aprender quem realmente é, o que pode fazer e preencher a vida com lembranças maravilhosas ao aprender a amar a si mesmo. □

A Aparição do Senhor a Joseph Smith e a Oliver Cowdery no Templo de Kirtland, em 3 de abril de 1836, de Theodore Gorka
Depois de permanecer ajoelhado em "solene e silenciosa oração" no Templo de Kirtland, o Profeta Joseph Smith e Oliver Cowdery presenciaram uma visão do Senhor "de pé no parapeito do púlpito . . . seu semblante resplandecia mais do que o sol; e sua voz era como o som de muitas águas". O Senhor aceitou o templo recém-construído como sua "santa casa". (Vide D&C 110:1-10.)

Ao término de 1992 e início de um novo ano, o Coro do Tabernáculo Mórmon fez sua primeira visita a Israel. Além de uma agenda de concertos cheia, o coro também filmou um programa especial de Páscoa para a televisão em vários locais cristãos tradicionais, inclusive no Jardim do Sepulcro *(acima)*, onde o corpo do Salvador crucificado pode ter repousado. Vide "A Uma Só Voz", página 10.

93990059